



TRACADOS
DESVANTAGES:
ESCOLAR NA
ESCREVA VIVÊNCIA
DE UMA
PROFESSORA
FEMINISTA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE LITORAL NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

GLENIANA DA SILVA PEIXOTO

**TRAÇADOS DESVIANTES: O ESTAR NA ESCOLA COMO
ESCREVIVÊNCIA DE UMA PROFESSORA FEMINISTA**

OSÓRIO

2023

GLENIANA DA SILVA PEIXOTO

**TRAÇADOS DESVIANTES: O ESTAR NA ESCOLA COMO
ESCREVIVÊNCIA DE UMA PROFESSORA FEMINISTA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação PPGED/UERGS como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação. Linha de pesquisa: Currículos e Políticas na formação de professores.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Cristine Basso Soares Severo

Aprovada em _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora
Prof.^a Dra. Rita Cristine Basso Soares Severo

Prof.^a Dra. Aline Accorssi
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Prof.^a Dra. Martha Narvaz
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Prof. Dr. Eduardo Guedes Pacheco
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Catálogo de Publicação na Fonte

P379t Peixoto, Gleniana da Silva.

Traçados desviantes: o estar na escola como escriturária de uma professora feminista. / Gleniana da Silva Peixoto – Osório, 2023.

107f., il.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita Cristine Basso Soares Severo.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul; Secretaria de Educação, Mestrado Profissional em Educação, Unidade em Litoral Norte- Osório, 2023.

1. Violências contra as mulheres. 2. Educação básica. 3. Escriturária.
4. Metodologias feministas. I. Severo, Rita Cristine Basso Soares. II. Título.

A todas as mulheres que têm sido fonte inesgotável de inspiração, coragem e resiliência. Mulheres desobedientes e obstinadas que, com sua inteligência, criatividade e determinação constroem futuros outros.

Esta escrita é uma reverência a todas as mães, avós, irmãs, filhas, amigas, professoras, colegas, companheiras, alunas e mentoras que desempenharam um papel fundamental em minha jornada acadêmica e em minha vida. Sua força, sabedoria e apoio constante foram o vento que me permitiu navegar pelos mares desafiadores da pesquisa e do conhecimento. Às mulheres cujas palavras, escritos e teorias abriram novos horizontes na compreensão de nossas subjetividades e experiências. Esta escrita é uma singela homenagem aos seus esforços, às suas contribuições intelectuais e a toda a ousadia de não se calarem. Suas análises críticas e perspicazes têm desafiado as normas patriarcais e inspirado mudanças e transformações irreparáveis.

O lugar que hoje ocupo é uma reverberação da luta incansável daquelas que vieram antes de mim.

Esta escrita é um manifesto dedicado às mulheres que sobreviveram à violência, suas histórias são poderosos testemunhos da necessidade urgente de ações em todos os âmbitos para transformar nossa sociedade em um lugar seguro, justo e acolhedor para todas as mulheres.

Para as mulheres que tiveram suas vidas cruelmente usurpadas pelo feminicídio, esta escrita é dedicada à sua memória.

Este documento é um compromisso contínuo de luta pela liberdade, equidade e direito de escolha de todas as mulheres em todas as esferas da sociedade.

Meu profundo respeito e agradecimento a todas.

RESUMO

Esta é uma pesquisa vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, proposta por uma mulher, uma professora que atua na educação básica, a partir de uma perspectiva feminista. Esta dissertação emerge do encontro semanal desta professora de Artes com 33 turmas do 1º ano do Ensino Fundamental ao 2º do Ensino Médio, do chão da escola, da urgência de ações em direção ao combate às violências contra meninas e mulheres. Uma professora feita pesquisadora, que se aproxima da proposta de escrevivência de Conceição Evaristo como convite para um deslocamento de perspectivas, já que pesquisa e vida não são coisas diferentes, já que vida e escrita não se separam. O fazer pesquisa, a partir de uma proposta de metodologia feminista, é assumido como o compartilhamento de um olhar atento, transformado pela experiência do trabalho ou, em outras palavras, como um ato de contar histórias. Esta pesquisa evoca as ações, escritas e pensamentos de mulheres como bell hooks, Conceição Evaristo, Sara Ahmed, Gloria Anzaldúa, Ochy Curiel, entre outras, para refletir sobre a normalização das violências contra as mulheres e, em busca de traçados desviantes, considera a escola, enquanto comunidade de afetos, um terreno fértil para a problematização e construção de estratégias de combate a essas violências.

Palavras-chave: Violências contra as mulheres; educação básica; escrevivência; metodologias feministas.

ABSTRACT

This is a research linked to the Professional Master's Program in Education at the State University of Rio Grande do Sul, proposed by a woman, a teacher who works in primary education, from a feminist perspective. This dissertation emerges from the weekly meetings of this Arts's teacher with thirty-three classes ranging from first grade of Elementary School to second year of High School, from the school ground, from the urgency of actions to combat violence against girls and women. A teacher turned researcher who aligns with Conceição Evaristo's concept of "escrevivência" as an invitation to shift perspectives, since research and life are not different things, and life and writing are inseparable. Doing research, based on a feminist methodology, is assumed as the sharing of a keen gaze, transformed by the work experience or, in other words, as an act of storytelling. This research draws upon the actions, writings, and thoughts of women such as bell hooks, Conceição Evaristo, Sara Ahmed, Gloria Anzaldúa, Ochy Curiel, among others, to reflect on the normalization of violence against women and, in search of alternative paths, considers the school as a community of affections, a fertile ground for problematizing and constructing strategies to combat violence against women.

Keywords: Violence against women; primary education; escrevivência; feminist methodologies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Desenho feito por estudante do 5º ano do Ensino Fundamental I (Fonte: Arquivo pessoal da autora).....	65
Figura 2: Presente recebido de duas estudantes do 7º ano do Ensino Médio, no Dia Internacional da Mulher, em 08 de março de 2023 (Fonte: Arquivo pessoal da autora).	73
Figura 3: Materiais produzidos por estudantes de 2º ano do Ensino Médio nos encontros do componente curricular Projeto de Vida (Fonte: Arquivo pessoal da autora).	84
Figura 4: Registro fotográfico de parte do mural de olhares da Instalação “Olha pra mim”. (Fonte: Arquivo pessoal da autora).	99

SUMÁRIO

O PAÍS DE TATIANE OU VOCÊ JÁ FALOU SOBRE TATIANE HOJE?	9
LANÇAR DE SI.....	28
revolução bell hooks.....	38
HISTÓRIAS DE VIDA ME INTERESSAM MAIS.....	45
PARA UMA METODOLOGIA FEMINISTA.....	53
INVESTIGAÇÕES.....	53
UM MAR DE MARIAS.....	57
EXPERIMENTAR A ESCRIVÊNCIA.....	61
CIRCUITOS.....	63
CIRCUITO LUTE COMO UMA GAROTA.....	65
CURTO-CIRCUITO.....	69
GATO.....	72
CIRCUITO UMA MENINA OBSTINADA.....	73
CURTO-CIRCUITO.....	77
GATO.....	79
CIRCUITO CARTAS.....	84
CURTO-CIRCUITO.....	93
GATO.....	96
OLHA PRA MIM.....	98
REFERÊNCIAS.....	100

A escrita da parte inicial desta dissertação faz-se sem pausas, recuos ou espaços. Haverá tempo para respirar, mas ainda não. Começo pela palavra **Tatiane**, termino com as palavras **sala de aula**. No caminho, entre um e outro ponto, recolho fragmentos para tentar entender o próprio caminho e o que me impele a ele, como uma criança que faz uma trilha de migalhas para marcar a direção da casa e se lança floresta adentro, talvez cantando baixinho uma canção antiga.

O PAÍS DE TATIANE OU VOCÊ JÁ FALOU SOBRE TATIANE HOJE?

#JustiçaParaTatiane
#FaleSobreTatiane¹

*A Tatiane sou eu.
A Tatiane é a sua colega negra da universidade.
A Tatiane é a representação das mulheres negras deste país, e nós
precisamos urgentemente nos importar e lutar pela vida de Tatiane.
O mundo precisa saber como o Direito brasileiro trata as mulheres
negras, o mundo precisa saber que Tatiane está presa e seu crime é ser
uma mulher negra.²*

Tatiane da Silva Santos: mulher, jovem, negra, mãe, periférica. No país de Tatiane, ser mulher, jovem, negra e periférica significa ter grandes chances de ganhar um passaporte direto para as piores estatísticas sociais provocadas pela desigualdade e vulnerabilidade social. Significa, provavelmente, enfrentar o esquecimento, apagamento e invisibilidade durante toda a sua vida. Por quem? Por todos. O Estado, o Poder Público, a sociedade. Por isso, é preciso falar de Tatiane hoje. E é isso que pretendo fazer agora, narrar, mesmo que brevemente, a história dela, que prefiro chamar de Tati, como se a conhecesse, como se fossemos próximas o suficiente para chamá-la assim, como suas amigas a chamam. Tati tem sua vida marcada pela violência, ou melhor, a sua vida é a violência, não sei se posso afirmar isso aqui, mas o que percebo é um ciclo contínuo e devastador de violência. Violência familiar, violência social, violência de Estado e violência do sistema judiciário, a última mais brutal e definidora na vida dessa mulher. Tati, como disse no início, é mãe, e esse “ser mãe” de Tati faz com que ela continue lutando incansavelmente contra essa avalanche de violências e, ao mesmo tempo, esse “ser mãe” fez Tati conhecer, talvez a pior violência que sofreu: a culpa.

Antes de ser a Tati-mãe, ela era a Tati-mulher, e antes ainda, a Tati-menina e, por nascer menina, desde muito cedo, soube que teria outras responsabilidades:

¹ As hashtags #JustiçaParaTatiane e #FaleSobreTatiane, que inspiram o título deste trabalho, foram utilizadas por um coletivo de mulheres que organizaram uma campanha em defesa de Tatiane. A página na rede social Facebook “Liberdade para Tatiane” conta com 12 mil pessoas.

² BUENO, Winnie, 2017, n.p.

“responsabilidades de menina”. Tati é a segunda de sete filhos e filhas e, por ser a menina mais velha, herda a responsabilidade de cuidar de irmãs e irmãos. Tati-menina cresce em meio à violência. Seu pai violenta sua mãe. Algumas memórias se instalam na menina, uma imagem que ela não esquece. **Tati:** *Ela ficava no chão, chorando. Toda inchada e com o rosto ensanguentado. Ela levava no rosto*³. A mãe, violentada pelo pai, violenta a menina. **Tati:** *Eu tinha sete anos e não tinha força pra carregar um bebê. Se deixasse cair, eu apanhava.*

Um dia, Tati-menina, aos nove anos, sente um enorme incômodo na cabeça, recorre à mãe, mas ela não a ouve, não a olha, não toca sua cabeça, embargada em uma miscelânea de pobreza, violências e entorpecentes., Aquela mulher que não é vista não consegue ver a filha. A dor que a menina sente aumenta até se tornar terrível. A cabeça de Tati-menina está infestada de piolhos e por falta de tratamento os parasitas impregnaram o couro cabeludo da menina, resultado: feridas abertas por toda a cabeça. **Tati:** *Um dia, na escola, eu não estava mais conseguindo prestar atenção na matéria. Eu percebi que estava com um buraco na cabeça, cheio de bichinhos.* A mãe corta o cabelo de Tati bem curtinho. **Tati:** *Ela colocou um líquido azul.* Provavelmente azul de metileno. Nesse momento, a Tati-menina descobre que uma dor terrível pode se tornar insuportável. Tati vai à escola usando uma touca preta na cabeça para esconder o cabelo curto e as feridas, não queria que ninguém soubesse o que aconteceu. Um dia terrivelmente inesquecível. Voltando para a casa, ainda com muita dor, a menina tem uma ideia e, como num rompante, pede emprestado o telefone da vizinha e, escondida de sua mãe, liga para a avó. **Tati:** *Pelo amor de Deus, vem me buscar!* Dona Vera, avó de Tati, encontra a menina ardendo em febre e com ínguas pelo corpo, provavelmente sintomas provocados pela infecção das feridas abertas no couro cabeludo. Tati nunca mais voltou para a casa dos pais. Foi coragem o rompante que Tati-menina teve ao ligar para a sua avó pedindo ajuda, foi um ato de

³ As falas em primeira pessoa de Tati e Dona Vera aqui trazidas são extraídas de matéria de Fernanda Canofre no Portal Sul21, em 2018. A apresentação dessas falas expressa um desejo de narrar essa história com outras vozes e não apenas com a voz do Estado violento e misógino descrito por Ivana Battaglin (2016), expressa nos autos do processo e nas sentenças judiciais. Ao longo do texto, as vozes de Tati e Vera misturam-se a meus parágrafos, como se reclamassem espaço em meio à narrativa. Também as vozes da defensora pública Tatiana Boeira, da promotora Sônia Mensch, do juiz Felipe Keunecke de Oliveira e do desembargador Jayme Weingartner Neto, que atuaram no caso de Tati, atravessam o texto. Essas falas aparecem grafadas em itálico com o nome do enunciador em negrito.

sobrevivência. Tati aprendeu desde cedo a pedir ajuda quando as coisas não andam bem em casa.

O tempo passa e Tati cresce na casa da vó Vera. **Tati:** *Dos meus nove aos meus dezoito anos, fui muito feliz morando com os meus avós.* A Tati-menina se transforma em Tati-mulher e, com 16 anos, em Tati-mãe. Ela engravida no seu primeiro namoro, o relacionamento logo acaba, ela e seu bebê continuam morando na casa da vó Vera.

Dona Vera sempre morou no mesmo bairro, todas as pessoas ali conhecem Dona Vera e ela conhece todas as pessoas ali. Ali, bem perto da casa de Dona Vera e Tati, mora um homem dez anos mais velho que Tati, chamado Amilton. Dona Vera conhece Amilton, Amilton conhece Dona Vera e Amilton conhecia Tati-menina, mas agora a menina está mudada, ela cresceu.

Amilton se interessa pela Tati-mulher, que agora é Tati-mãe. A menina-mulher-mãe se interessa por Amilton, se aproxima, se apaixona, se relaciona, se entrega. Começam a namorar e, aos 19 anos, ela descobre que está grávida. Mas agora é diferente, é hora de recomeçar, Tati está de mudança, vai ter uma nova casa com Amilton, pai do seu segundo bebê. Tati-menina-mulher-mãe deseja construir uma família. A filha primogênita de Tati segue morando com a vó Vera. Mesmo em casas separadas elas estão perto uma da outra, a nova casa de Tati fica no mesmo bairro. Tati está gestando uma nova vida em todos os sentidos, as coisas estão se encaminhando, ela cuida da casa e do bebê e Amilton trabalha fora. Amilton não gosta que ela saia de casa, que fale com outras pessoas, que tenha contato com a sua família. Dona Vera não conhece seu bisneto caçula. A distância entre elas, ainda que pequena, parece cada vez maior.

Amilton perde o emprego. Ele está mais tempo dentro de casa, muitas coisas acontecem dentro de casa, no ambiente doméstico, privado, particular, reservado íntimo muitas coisas acontecem com as janelas fechadas e a porta trancada, as coisas estão mudando na casa de Tati e Amilton. As pessoas que moram perto percebem que algo mudou, elas ouvem de novo... de novo... de novo... gritos, choros, batidas, ameaças, agressões, violências. O barulho de uma pessoa sendo espancada é ensurdecedor, mas segundo o ditado popular: "Em briga de marido e mulher, não se mete a colher". Ditado, algo que é dito em voz alta. Popular, que o povo sabe, conhece, que é comum, geral, difundido, recorrente, repetido, repetido, repetido, repetido,

repetido, geração após geração. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) instituição pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, entre os meses de maio e junho de 2013, realizou uma pesquisa intitulada “Tolerância social à violência contra as mulheres”⁴, na qual foram entrevistadas 3.809 pessoas, em 212 municípios, abrangendo todas as unidades da federação. A pesquisa mostrou que, entre as pessoas entrevistadas:

- **58,4%** concordam que “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”;
- **47,2%** concordaram que “o que acontece com o casal em casa não interessa aos outros”;
- **33,3%** concordam que “casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família.”;
- **42,7%** concordam que “mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar”.⁵

Quantas gerações são necessárias para um ditado ser esquecido? Será que vai dar tempo? Tempo para quem? O tempo dela já acabou. Acabou. O tempo é relativo, ele acaba, mas recomeça, gerações de tempo. Ainda dá tempo para a próxima geração. Dá? Por onde começar? Por aqui. Por Tati. Você já falou sobre Tatiane hoje?

gerações | ge - ra - ção | ação

A violência doméstica impacta as mulheres da família de Tati há, pelo menos, quatro gerações. Sua bisavó foi morta pelo marido. Sua avó sofreu abusos até que o parceiro morresse. Sua mãe sofreu violências, assim como Tati. Transgeracionalidade, intergeracionalidade, a Transmissão Intergeracional da Violência Doméstica (TIVD), a violência doméstica transmitida de uma geração para outra dentro de uma mesma família. Pesquisas sobre os padrões de transmissão de violência indicam que “há fatores da família de origem, que podem ser considerados como preditores da ocorrência da violência nas gerações futuras”.⁶ Acredita-se que crianças que crescem em lares onde há violência doméstica são mais propensas a reproduzir esses comportamentos em sua vida adulta, seja como vítimas ou como agressores. A TIVD pode ocorrer de diversas maneiras, incluindo a exposição direta à violência, seja física,

⁴ IPEA, 2014.

⁵ Ibid.

⁶ SCANTAMBURLO, Natalia Pinheiro; OJEDA OCAMPO MORÉ, Carmen Leontina; CREPALDI, Maria Aparecida, 2013, p. 41.

sexual ou psicológica, ou através da observação de comportamentos violentos e agressivos entre os pais ou outros membros da família. Além disso, a TIVD também pode ocorrer por meio da aprendizagem de normas e valores que perpetuam a violência doméstica, como a crença de que a violência é uma forma aceitável de resolver conflitos, de controlar o comportamento de outros ou até mesmo como um ato de afeto.

Bisavó → Avó → Mãe → Tati. Quatro gerações de mulheres de uma mesma família. Espiral de violências. ESPIRAL.

ES-PI-RAL

(*espira + -al*)

substantivo feminino

1. Linha curva que, sem se fechar, vai dando voltas em torno de um ponto, afastando-se dele de forma progressiva e regular.

2. Mola de aço no centro do volante do relógio que serve para lhe regular o andamento. = CABELO

3. Processo que não se consegue parar facilmente (ex.: *espiral de violência*).

adjetivo de dois gêneros

4. Em forma de espiral (ex.: *linha espiral*). = ESPIRALADO

em espiral• Que vai dando voltas⁷.

A espiral de violência não paralisa Tati-menina-mulher-mãe. Ela quer reconstruir sua vida. Sem o ensino fundamental completo e com pouca experiência, deseja arrumar um emprego, carteira assinada, estabilidade, possibilidade de melhorar de vida e ter seu próprio dinheiro. Começa a procurar ali pelo bairro, perto de sua casa, consegue uma vaga em uma padaria. Amilton é um homem ciumento, possessivo. Ele não gosta da ideia de Tati trabalhar na rua, fora de casa, no espaço público, atendendo as pessoas. Nesse público, tem homens e homens despertam ciúme, e o ciúme desperta a fúria de um homem. Amilton violenta Tati fisicamente e psicologicamente diariamente. Ele a persegue no trabalho, a tranca em casa, amarra, bate, machuca, xinga, grita, ameaça e deixa marcas, a cicatriz de uma facada, uma espécie de tatuagem perversa que Tati carrega do corpo. **Tati:** *Ele dormia com faca. Se eu tentasse fugir, ele dizia que ia me matar. Tinha muita tortura psicológica, mais que física. E quando mexe com o psicológico, a mulher fica sem reação, sem autoestima.*

⁷ ESPIRAL. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/espiral>. Acesso em: 12 abr. 2023.

Talvez a Tati-menina-mulher-mãe, aos 20 anos, em 2010, na periferia da cidade de Porto Alegre, ainda não soubesse que 4 anos antes tinha sido sancionada uma Lei que é uma vitória da luta das mulheres do país da Tati. Talvez ela não soubesse, naquele momento que aquela violência diária faz parte da vida de milhões de mulheres em seu país.

No país de Tati, em 2022, segundo a 4ª edição do relatório “Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil” realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Instituto de Pesquisa Datafolha⁸, em 12 meses, **18,6 milhões de mulheres** sofreram violência física, psicológica ou sexual no país, 50.962 casos diários, o equivalente a um estádio de futebol lotado. Enquanto **7,4 milhões de mulheres** afirmaram ter sofrido agressões físicas como tapa, batida e chute, **3,4 milhão de mulheres** foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento. E ainda **75,5%** dos autores das violências são pessoas que convivem com as vítimas. Em relação ao perfil das vítimas, verificou-se que:

- **30,3%** tinham entre de 16 a 24 anos;
- **65,6%** eram negras;
- **53,8%** sofreram violência dentro de casa.⁹

Tati tem o perfil das mulheres que ocupam os maiores percentuais. O perfil preferencial de violências que são previstas como crimes pela Lei Maria da Penha, n.º 11.340. Em agosto de 2006, foi sancionada a lei, , que estabelece:

mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.¹⁰

Definindo, em seu artigo 7º, as formas de violência doméstica e familiar contra a mulher como:

- I - a violência física;
- II - a violência psicológica;

⁸ Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.

⁹ Ibid.

¹⁰ BRASIL, 2006.

- III - a violência sexual;
- IV - a violência patrimonial;
- V - a violência moral, entre outras¹¹.

A Lei Maria da Penha é considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU) uma das três leis de proteção à mulher mais avançadas do mundo, sendo uma de suas mais importantes inovações o estabelecimento de medidas protetivas de urgência para as vítimas¹².

Em abril de 2023, uma alteração na lei é sancionada, garantindo a adoção de medidas protetivas de urgência a partir da denúncia da vítima a uma autoridade policial, independente da tipificação do crime, da existência de ação ou inquérito e do registro de Boletim de Ocorrência¹³.

Tati continua sendo violentada de todas as formas e descobre que está grávida do terceiro filho. Em seguida, uma pequena trégua na sistemática de horror que vive. Amilton é preso, não pela crueldade com que ele violenta Tati, não por isso. É o envolvimento com o tráfico de entorpecentes que o deixa algum tempo longe de casa. Após esse período na prisão, ele volta ainda mais violento. **Dona Vera:** *Aí a Tatiane se estragou. Ela passava aqui com cabelinho amarradinho, bem feia. Perdeu tudo, tudo por causa dele. Eu não conhecia nenhum dos filhos dela, porque ele não deixava ela se aproximar para mostrar as crianças. Fui conhecer depois que eles estavam grandinhos e ele começou a judiar dela. Deixava ela amarrada, deixava ela sem comida, saía com a chave. E ela lá presa, dentro de casa, com as duas crianças. Os vizinhos todos falavam: olha a gritaria de noite! Era ele dando nela.*

Dezembro de 2011, véspera do Natal, Tati é espancada novamente. Durante a noite, enquanto Amilton dorme - com uma faca embaixo do travesseiro -, ela foge de casa com os filhos e se refugia na casa de uma tia distante. Amilton, com a ajuda da mãe de Tati, descobre o esconderijo e, com uma arma na mão, consegue que Tati volte para casa. Três semanas depois ela foge novamente, dessa vez assistida pelos mecanismos de proteção da Lei Maria da Penha. Tati é acolhida na Casa Viva Maria, local para onde são encaminhadas mulheres vítimas de violência doméstica com medidas protetivas.

¹¹ Ibid.

¹² IMP, 2018.

¹³ BRASIL, 2006.

Janeiro de 2012, ainda no abrigo, Tati descobre que está grávida. Sua única renda naquele momento é o valor aproximado de R\$ 178,00 obtidos através do Programa Bolsa Família, programa de transferência direta de renda para famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza, criado pela Lei n.º 10.836¹⁴, sancionada no dia 9 de janeiro de 2004. Com crianças pequenas, grávida e sem contar com uma rede de apoio necessária para reconstruir sua vida e a de seus filhos, Tati, sem perspectivas, volta para a casa onde morava com Amilton. Sem acreditar ser o pai do filho que Tati está gestando, Amilton continua agredindo-a continuamente.

Abril de 2012, Tati procura novamente assistência do Estado e consegue sair de casa com medida protetiva. Quinze dias depois Tati e Amilton se encontram em uma audiência, Amilton apresenta para o juiz papéis que demonstram que ele está em tratamento para dependência química, fato suficiente para o juiz aconselhar Tati a voltar para a casa com Amilton. **Tati:** *O juiz me disse: “Viu só, ele quer mudar, ele está se esforçando, dá uma segunda chance”. Mas era mentira, ele não estava em tratamento coisa nenhuma, forjou um atestado. Mas aí eu tive que voltar.*

Junho de 2012, em uma noite chuvosa e fria Tati entra em trabalho de parto, Amilton não acredita nas dores relatadas por ela e não presta assistência, Tati vai sozinha para o hospital, naquela madrugada nasce seu quarto filho. Tati, em pouco tempo e com depressão pós-parto, volta a trabalhar, **Tati:** *Tinha noites que eu não dormia, que eu ia amanhecida para o trabalho. Acho que era Deus naquela hora, porque eu não tinha força. Eu tentava dar o máximo, mas não conseguia. Minhas colegas perguntavam o que era e eu dizia: não é nada.* Ela silencia por medo e vergonha.

Tati trabalha 7 dias por semana na padaria, vende suas folgas por R\$ 60,00 para aumentar a renda familiar de pouco mais de R\$ 1.000,00, que continua sendo provida somente por ela. Nos 20 minutos de intervalo do trabalho, Tati aproveita para amamentar o filho caçula. Enquanto a mãe trabalha, ele fica na creche do bairro, por uma mensalidade de R\$ 250,00.

Contagem regressiva:

¹⁴ BRASIL, 2004.

Terça-feira, dia 23 de setembro de 2013: Tati leva o filho ao posto de saúde, ele apresenta hematomas e náuseas, a criança é liberada pelo médico por conta dos sintomas apresentados.

Sexta-feira, dia 27: a creche não aceita receber o menino, que fica em casa com o pai. Nos finais de semana, para trabalhar, Tati paga R\$ 60,00 para uma vizinha cuidar do filho. Mas naquele final de semana, Amilton se prontifica a cuidar do filho.

Domingo, dia 29: Tati acorda às 5h, despede-se dos três filhos e sai de casa às 6h para trabalhar. Às 16h30min, ela volta do trabalho, encontra os dois filhos mais velhos vendo TV e o caçula na cama do quarto como se estivesse dormindo, Tati tenta se aproximar da criança, mas Amilton impede para que ela não acorde o filho. Mais tarde, estranhando o tempo de sono do menino, Tati vai até o filho. Levanta as cobertas e percebe que o menino está com hematomas por todo o corpo e enfraquecido, a criança não responde os chamados da mãe. Tati pede ajuda a Amilton, grita mais alto e nada. Desesperada, pega o filho nos braços e sai correndo pela rua, pedindo ajuda aos berros. Amilton não está mais ali, fugiu sem explicações. Tati vai sozinha para o hospital com o filho nos braços. O menino chega à emergência com parada cardíaca. É atendido por um médico e encaminhado para a cirurgia, mas já é tarde demais. O estômago e o intestino estão rompidos, e uma infecção generalizada toma conta. O menino tinha lesões no ânus, que indicava empalamento. Tati recebe a notícia do falecimento de seu filho caçula, fica em estado de choque e é atendida pelas enfermeiras. Por causa dos ferimentos do menino, é encaminhada para dar explicações para a polícia. Tati se desestabiliza psicologicamente e passa dias vagando pelas ruas até procurar uma vaga no Abrigo Bom Jesus. **Tati:** *Minha vontade era virar moradora de rua e ficar na rua. Entrar nas drogas para ver se passava aquele... Uma moça me ofereceu crack no albergue, mas eu não usei.*

Segunda-feira, dia 11 de novembro de 2013: cerca de um mês após a perda do filho, Tati é denunciada pelo Ministério Público pelos crimes de homicídio culposo, tortura, maus tratos e omissão. Segundo o Ministério Público, na condição de mãe da vítima, Tati tinha a obrigação de prover os cuidados necessários ao bem-estar da criança, em vez de deixá-la com um “indivíduo sabidamente violento”, conforme consta na denúncia.

Quarta-feira, dia 13 de novembro de 2013: Tati é levada para o Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier (SUSEPE) em prisão preventiva, após sua prisão seus dois filhos menores são encaminhados para a rede de assistência social de Porto Alegre e, antes mesmo do julgamento, Tati perde o poder pátrio e é destituída da guarda de seus filhos pela 2ª Vara da Infância e Juventude de Porto Alegre. As crianças perderam seu irmão mais novo, sua mãe e estão, agora, entregues à adoção. Tati permanece 3 anos em prisão preventiva à espera do seu julgamento sem ver os filhos, que, durante esse período, são adotados por uma família e devolvidos posteriormente.

Em novembro de 2016, Tati é levada a julgamento por júri popular composto por 7 mulheres da sociedade civil. Na acusação está a promotora Sônia Mensch e na defesa de Tati está a defensora pública Tatiana Kosby Boeira. O julgamento começa tenso, uma discussão entre a promotoria e um coletivo de mulheres, estudantes de direito que estão na sessão com uma camiseta em apoio a Tati. Ela quase não fala. A narrativa de sua vida é contada de diferentes formas por diferentes pessoas. Fim do julgamento. Tati condenada: 22 anos, 2 meses e 20 dias de prisão por homicídio qualificado por omissão. Amilton Martins, condenado a 42 anos de prisão por homicídio qualificado. Na sentença, o **juiz Felipe Keunecke de Oliveira**: *No período compreendido entre as 07h e às 15h do dia 27, entre as 07h e as 15h do dia 28 e entre as 07h e as 15h do dia 29 de setembro de 2013, [...] nesta Capital, os denunciados, agindo mediante acerto de vontades e em somatório de esforços, a socos, tapas, pontapés, empurrões, arremesso da vítima ao solo, praticando o empalamento da vítima – situação na qual introduziram-lhe objeto contundente no ânus –, e ainda privando-a da alimentação necessária e de mínimos cuidados com a saúde, mataram o menino (...) de apenas um ano de idade.*¹⁵

Mataram, no plural. O Estado considera que Tati matou seu filho. Enquanto o menino era torturado, violentado e empalado pelo pai, Tati não estava em casa, estava trabalhando. O ato de ter deixado seu filho aos cuidados do pai enquanto trabalhava foi considerado pela acusação, pelo júri e pelo juiz determinante para o assassinato. **Promotora Sônia Mensch**: *Em tese, ela teria sido vítima dele. Só que ela era uma vítima que ia atrás do seu agressor, do seu algoz, então, formalmente, pelos laudos de lesões que ela submetia, ela tinha lesões, ela era vítima. Mas, o que eu quero dizer,*

¹⁵ RIO GRANDE DO SUL, 2015.

*é que ela não pode ser considerada uma vítima igual às outras, uma vítima da situação. Ela era muito mais bandida, muito mais criminosa, me parece aqui, do que mesmo vítima.*¹⁶

No sistema da assistência social existe uma trilha de relatórios e laudos de atendimentos realizados com Tati e seus filhos. Esse histórico conta com quatro acolhimentos – quatro vezes que Tati, junto aos filhos, conseguiu sair de casa, utilizando as medidas protetivas de urgência para as vítimas de violências domésticas. Esse mesmo histórico serviu para a promotora construir a argumentação que Tati, ao voltar para a casa em que morava com Amilton, colocou a vida dos filhos em risco por ser sabido que Amilton era um homem violento e usuário de entorpecentes.

Promotora Sônia Mensch: *Eu via como uma mulher que, de livre e espontânea vontade, ia atrás dele, trazia ele pra casa, sabia que ele agredia as crianças e não fazia absolutamente nada. Em alguns momentos, chego a pensar que a conduta dela era pior que a dele.*¹⁷

A Defensoria Pública entra com recurso e, no dia 27 de setembro de 2017, no mesmo dia em que Tati completa 29 anos, a 1ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul analisa o recurso e aumenta a pena de Tati para 24 anos, 9 meses e 10 dias de reclusão. Matéria publicada pelas jornalistas Janaína Lopes e Rafaella Fraga no G1, em 2018, reproduz partes do relatório do **Desembargador Jayme Weingartner Neto:** *Em decorrência de personalidade narcisista, Tatiane acabava por reatar o relacionamento com Amilton. E, ao voltar ao convívio do réu, 'aceitando qualquer coisa do marido (drogadição, violência...)', expunha seus filhos a ambiente familiar desajustado, utilizando-se de mecanismo psicológico de defesa no claro intuito de desresponsabilizar-se por qualquer ação do réu, a quem atribuía a manutenção do relacionamento violento*¹⁸.

O fato de Tati ser uma trabalhadora também pesou contra ela e é destacado por **Weingartner Neto:** *Inclusive, circunstância incomum no cenário de violência doméstica, pois a apelante não dependia financeiramente do réu. Ao contrário, era ela quem trabalhava para o sustento da família*¹⁹.

¹⁶ CANOFRE, Fernanda, 2018, n.p.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ LOPES, Janaína; FRAGA, Rafaella, 2018, n.p.

¹⁹ Ibid.

A defensora pública Tatiana Kosby Boeira ingressa com recurso especial no Superior Tribunal de Justiça. **Defensora Tatiana Boeira:** *Ela foi condenada por omissão e como cúmplice na morte do próprio filho, que foi violentado pelo pai em casa, enquanto ela estava fora, trabalhando. A acusação diz que ela se omitiu no dever de mãe, porque ela deveria supor que naquele dia o pai ia matar a criança.*²⁰

Um coletivo de mulheres advogadas e ativistas feministas lançam uma campanha nas Redes Sociais pedindo a liberdade de Tati com as *hashtags* **#LiberdadeParaTatiane** e **#FaleSobreTatiane**. Em seus manifestos, o coletivo aponta que Tati passou por abandonos de diferentes instituições do Estado e por uma punição desenfreada da Justiça Criminal no Rio Grande do Sul. A ONG argentina Xumek, especializada na promoção de direitos humanos, apresenta uma denúncia na Comissão Interamericana de Direitos Humanos contra a atuação do Conselho Tutelar, do Ministério Público e do Poder Judiciário do Rio Grande do Sul, argumentando que o caso de Tati é um exemplo de violação de direitos essenciais e misoginia. Segundo Sílvia Lisboa, que analisou a denúncia da Xumek em matéria publicada na revista Galileu em 2018²¹, a denúncia salienta que o julgamento de Tati violou tratados internacionais de direitos humanos, como a Convenção Internacional para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, de 1994, da qual o Brasil é signatário. Ainda segundo Lisboa, a denúncia aponta o descumprimento, pelo Estado brasileiro, dos deveres de amparar mulheres vítimas de violência doméstica e pobres e destaca que Tati foi quatro vezes para um abrigo que recebe mulheres vítimas de violência doméstica sendo que, na penúltima vez, foi aconselhada pelo juiz a “dar uma segunda chance” ao ex-companheiro. A organização considera que o magistrado falhou ao não aplicar medida protetiva para resguardar a segurança de Tati e das crianças e ao incentivá-la a voltar para o convívio com o seu agressor. O Conselho Tutelar também errou ao não afastar Amilton dos filhos e a 2ª Vara da Infância e Juventude de Porto Alegre por retirar de Tati o poder pátrio antes mesmo de seu julgamento. A organização compreende que, a partir de todos os acompanhamentos e relatórios feitos por instrumentos do Estado, ele não protegeu Tati e seus filhos de seu agressor. E se Tati foi punida por não ter previsto que a vida das crianças estavam em risco com a presença do pai, o Estado e seu corpo técnico interdisciplinar que acompanhou o caso

²⁰ CANOFRE, 2018, n.p.

²¹ LISBOA, Sílvia, 2018.

durante todo o tempo também não previram. Assim, a organização compreende que o Estado foi negligente e deve ser responsabilizado pelos fatos ocorridos. A promotora de justiça da Promotoria de Justiça de Direitos Humanos de Porto Alegre, Ivana Battaglin, em seu artigo intitulado “A criminalização da pobreza numa perspectiva de gênero: o quanto o sistema judicial pode reproduzir os estereótipos do patriarcado para encarcerar as mulheres pobres”²², realiza um apanhado histórico para demonstrar que desde os primórdios da civilização o lugar ocupado pelas mulheres é desigual, “numa posição de inferioridade em relação aos homens, estabelecida pela religião, ciências médicas e ordenamentos jurídicos, e a sua história é permeada de discursos que lhe conferem uma maldade atávica”²³. Esse estereótipo da malignidade da mulher e sua tendência à mentira e enganação vem sendo construído e reproduzido ao longo dos séculos, associando as mulheres aos crimes ligados à reprodução, como aborto, infanticídio e o crime de matar a priori. Para Battaglin, essa perspectiva é “o que explica, de certo modo, a desmesurada censura”²⁴ que Tati sofreu. A promotora se dedicou a analisar o caso de Tati no ano de 2016, quando o julgamento ainda não tinha ocorrido. Battaglin optou por realizar um estudo de caso com pesquisa qualitativa, tendo como instrumento para coleta dos dados os autos do processo, os processos judiciais relativos à Lei 11.340/06, Lei Maria da Penha, em que Tati foi vítima, o processo da ação de destituição do poder familiar que Tati enfrentou, uma reunião com as técnicas da equipe multidisciplinar do Presídio Feminino Madre Pelletier e uma entrevista com Tati. Ivana Battaglin expõe que com a “análise dos autos do inquérito policial evidencia-se que a investigação foi conduzida tendo como esteio todos os estereótipos de gênero que estão profundamente arraigados na sociedade contemporânea patriarcal”²⁵, conseqüentemente permeando todo o sistema de justiça criminal. Ela aponta que, aliada ao gênero, à articulação de classe social e à raça às quais Tati pertence, elabora-se a fórmula do estereótipo perfeito para sua criminalização. A autora finaliza indicando que a história de Tati é uma “dentre tantas que se somam às estatísticas e reproduzem, de forma oficial, todas

²² BATTAGLIN, Ivana, 2016.

²³ Ibid., p. 21.

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid., p.29.

as mazelas do patriarcado e de uma sociedade que ainda está impregnada por preceitos escravocrata”²⁶.

Tati não é um caso isolado. Enquanto o sistema de justiça e seus operadores permanecerem atuando baseados em senso comum e reproduzindo preconceitos históricos, prosseguirão “criminalizando uma parcela específica da população e tratando as mulheres com todos esses estereótipos que fazem com que, dentro do Direito, elas tenham o mesmo tratamento que lhes é dispensado pela sociedade patriarcal.”²⁷

A história de Tati acontece no sul do Brasil, na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Conheci a história da **Tati-menina-mulher-mãe** em 2021. Além de uma revolta instantânea, em meus pensamentos se instalaram algumas perguntas: como não fiquei sabendo dessa história antes? Como eu, que estou tão atenta para as questões de gênero, não tinha tomado conhecimento desse processo que se estende desde 2016? Onde eu estava quando tudo isso aconteceu? Aqui. Mesma cidade, ao mesmo tempo. Tati e eu temos a mesma idade. Nascemos e vivemos na mesma cidade. E, ainda que existindo no mesmo momento, ganhamos carimbos diferentes em nossos passaportes ao embarcar nessa vida.

Ao me deparar com a história de Tati, percebi o abismo invisível, mas determinante, que existe entre nós. Invisível?! Não, não é invisível. Tati não me conhece, eu não conheço Tati, mas sua existência me atravessou e precisa atravessar outras pessoas, porque se torna urgente falar de Tati.

Conheci sua história quase por acaso. Um dia qualquer, pouco antes das 7 horas da manhã, atravessava a cidade a caminho da escola onde trabalho como professora de Arte. Coloquei para tocar em meu telefone o podcast “Maria vai com as outras”, da revista Piauí, apresentado por Branca Vianna e produzido pela Rádio Novelo, no episódio “#5: Crime e castigo contra a mulher”²⁸. Uma das entrevistadas do episódio era a defensora pública Tatiane Boeira, que defendeu Tati durante todo o julgamento. Ela narrou o que chama de “uma aberração jurídica”. Fui arrebatada pela brutalidade do caso, a história se fixou em mim. Não conseguia parar de pensar sobre o caso. As cenas narradas se reconstruíam em meu imaginário, como se as estivesse vendo,

²⁶ Ibid., p.38.

²⁷ Ibid.

²⁸ RÁDIO NOVELO, 2019.

elas passavam pela minha cabeça, sem parar, uma atrás da outra, fluxo contínuo. Quase 8 da noite, em casa, pus-me a pesquisar. Queria saber detalhes. Queria entender. E quanto mais entendia, mais perverso ficava e mais dúvidas tinha. Mais pontas soltas. Reportagens, vídeos, depoimentos, artigos, matérias e mais matérias. Nas redes sociais, Facebook, Instagram e Twitter, as *hashtags* #JustiçaParaTatiane e #FaleSobreTatiane apareciam repetidamente junto à pergunta "Você já falou de Tati hoje?". E essa pergunta ressoava em minha cabeça. De novo e de novo. Como se faz para parar de pensar? Como se faz?

vazio

JÁ?

Estranho, mas tem momentos em que não há escolha.

Um convite: gritemos. A história de Tati atravessa, atropela, deixa marcas. As cicatrizes gritam: Você já falou de Tati hoje? Gritemos! Para que o eco dos nossos gritos estremeça a estrutura patriarcal em que esbarramos diariamente. Para que o eco dos nossos gritos perfure, infiltre e contamine os lugares por onde passamos. A estrutura... a estrutura patriarcal é feita de carne, osso, pensamento e sentimentos. É feita de vida, de pessoas... de vidas de pessoas que cruzam nossas vidas, às vezes andam bem perto, lado a lado, às vezes longe, às vezes estão ali ou estiveram ali na sua frente, na sala de aula.

Sim, na **sala de aula**.

LANÇAR DE SI

Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir de encontro ao Mundo, ou confundir-se com ele.²⁹

"Tem alguma coisa antes, mas isso é o começo"³⁰, digo isso em um palco quase escuro, em um microfone, tendo apenas meu rosto iluminado por um pequeno foco de luz que me cega. Penso que seja o caso de começar assim, pelo antes. E o antes do antes. Não que seja fácil encontrar o ponto, não de começo, mas o meio por onde começar, porque toda vez que penso achar o ponto, vem em meus pensamentos: "tem alguma coisa antes que precisa ser dita". E quando recuo, tomo outra linha, rumo a esse antes, tem algo ainda antes do antes. E se pego uma linha cronológica, na tentativa de ser objetiva e vasculho minhas memórias, minhas vivências, minhas escolhas, os atravessamentos em minha vida, na busca incessante de tentar desesperadamente responder afinal "o que me traz até aqui?", quando faço isso, chego a antes de mim. Sim, antes de mim, porque, ao nascer, alguém dentro da sala de parto, com meu pequeno corpo sujo de sangue nas mãos, provavelmente me segurando pelas pernas enquanto eu chorava, disse: é uma menina.

Esse nascer uma menina, tornar-se uma mulher, no meu tempo, cruzar os séculos XX e XXI como mulher significa que, em minha trajetória, algumas escolhas não são escolhas, significa que o meu lugar no mundo já está de alguma maneira traçado. Não definido, mas traçado. Assim como boa parte das pessoas que nascem já cingidas, não por suas escolhas, mas por escolhas feitas anteriormente ao seu nascimento. No decorrer de suas vidas, essas escolhas são reafirmadas e aquele lugar apertado, pré-escolhido, cada vez mais parece ser o único lugar possível. E isso é uma escolha feita pelo seletivo grupo de pessoas que se arroga o direito – e, quem sabe, o dever – de escolher, de impor escolhas sobre uma multidão esmagadora de pessoas sem escolha, ou melhor, com escolhas limitadas e que por algum motivo, ou melhor, por motivos diversos escolhem – mesmo sem saber – não esmagar aqueles que a esmagam diariamente.

²⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 1997, p. 101-102.

³⁰ Fragmento do espetáculo "Ramal 340: sobre as migrações das sardinhas ou porque as pessoas simplesmente vão embora", do Coletivo Errática, dramaturgia de Francisco Gick.

Imersa nessa multidão multifacetada que atravessa os caminhos do estar no mundo pré-escolhido para mim, ousou, modestamente, propor um convite de olhar, a partir de um lugar, um ângulo, uma lente, um ponto entre os múltiplos pontinhos heterogêneos que formam essa multidão de cores, cheiros, sabores, saberes, lugares, vivências, trajetórias, desvios, rompimentos, descobertas, dores, amores, afetos, sonhos, desejos, medos, fúria, fome, revolta. Nesse emaranhado de que faz parte minha teia, meu ser **mulher/artista/professora/pesquisadora**, está meu ponto de partida e, talvez, de chegada, meu território. Móvel. Às vezes, a professora pede espaço, às vezes a artista toma conta sem pedir licença, às vezes a pesquisadora suplica por um pouco de atenção, mas quem está costurando todas elas e em alguns momentos recortando, separando, transformando tudo em pequenas ilhas flutuantes para reorganizar e depois juntando tudo novamente, colando uma sobre a outra, aproximando e afastando todas elas é: o ser mulher.

Esse ser mulher que, de início, parecia uma marca de nascença, se mostra a cada dia uma escolha a ser feita, uma escolha que está sendo feita agora. Uma série de escolhas em cujos interstícios irrompe meu ser **mulher/artista/professora/pesquisadora**, que funde presente, passado e futuro em uma temporalidade contínua, uma espécie de agora permanente, o tempo da ação. Eu, professora do componente curricular de Artes na Educação Básica do primeiro ano do Ensino Fundamental ao primeiro ano do Ensino Médio; eu, professora de teatro em mais três outros lugares; e eu, estagiária no componente curricular de Arte e Educação no Curso de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Nesses lugares, meu estar no mundo cruza diariamente com muitas pessoas em salas de aula, corredores, salas de professoras e telas. Cada espaço que ocupo como professora apresenta diferentes realidades sociais, econômicas, etárias e de proposta de ensino. Tenho, consistentemente, lidado com mais de 1000 estudantes em aulas semanais, com carga horária entre 40 minutos a 2 horas. O meu ser professora ocupa, em minha vida, grande parte do tempo e do pensamento e, junto dele, está o meu ser mulher feminista, que frequentemente presencia atitudes sexistas nos ambientes educacionais pelos quais transito, do primeiro ano da educação básica à pós-graduação.

Ser **mulher/artista/professora/pesquisadora** e presenciar essas atitudes gera um grande desconforto, e isso vai sendo alimentado, fica bem grande e se transforma em

uma revolta desesperadora quando as meninas são violentadas fisicamente por meninos com pequenos empurrões, tapas, socos ou chutes. “*Coisa de crianças*”, dizem as pessoas pelos corredores da escola, “*coisas de adolescentes*”, repetem, da mesma forma que repetem que “*em briga de marido e mulher não se mete a colher*” e que “*alguma coisa ela deve ter feito pra apanhar assim*”. Aprendemos a adaptar a mesma frase para diferentes faixas etárias. O conteúdo é o mesmo, o que muda é a forma de dizer. Assim, as violências contra mulheres vão sendo normalizadas: “*era só uma brincadeira*”, “*eu não queria machucar*”, “*foi sem querer*”. E ela ali no canto chorando sem entender por que um menino bateu nela. É dito para ela que ele não vai mais fazer isso. É dito para ele que não pode fazer isso. Assunto encerrado.

Nessa comunidade, encontro potências para a construção de caminhos possíveis de estar no mundo, o lugar da educação, do conhecimento, do conjunto de práticas sociais de estar em coletivo, de ser um coletivo, da civilidade, da construção de si e do outro, da percepção de ser o outro, do esperar. Nesse conjunto de narrativas heterogêneas, multicolores, múltiplas, interligadas, conectadas, nessa comunidade de juventudes, as violências contra mulheres não podem ser normalizadas.

Não normalizar passa por pautar no currículo da escola o combate às violências contra mulheres. Essa não é uma escolha dos projetos pedagógicos das instituições de educação básica públicas e privadas do país, mas uma medida prevista pela Lei n.º 14.164, de 10 de junho de 2021³¹, que também cria a Semana Escolar de Combate à Violência Contra a Mulher (que deve ser realizada anualmente no mês de março). O objetivo da proposta, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996³², é incentivar a reflexão da comunidade escolar sobre a prevenção e o combate às violências contra as mulheres.

Algo que as estatísticas de violências contra as mulheres não cansam de mostrar é que misoginia, machismo e sexismo são traços estruturais em nossa sociedade, que têm inúmeros reflexos em nossas vidas e, entre eles, talvez, o mais grave sejam as violências físicas contra as mulheres, que podem culminar em

³¹ BRASIL, 2021.

³² BRASIL, 1996.

feminicídio: assassinato praticado contra a mulher em decorrência do fato de ela ser mulher.

Segundo pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública a partir de dados obtidos em boletins de ocorrência das Polícias Civas das 27 unidades da federação no ano de 2021, em média, 1 (uma) mulher foi vítima de feminicídio a cada 7 (sete) horas³³. Essas mortes poderiam ser evitadas. Como? De muitas formas. Entre todas as possibilidades de estratégias de combate às violências contra as mulheres um território se faz prioritário fundamental, essencial, primordial, principal, substancial, importante, crucial, vital, básico, basilar, relevante, elementar, precípua, primacial, cardeal, cardinal, medular, indispensável, imprescindível, insubstituível, necessário, preciso, útil, obrigatório, requerido, exigido, impreterível, imperioso, indeclinável, inevitável, urgente, URGENTE, a educação.

É urgente inundar, encharcar a educação de práticas que construam uma reflexão e conscientização coletiva sobre as violências de gêneros. E se faz necessário ir além, porque a inundação nunca vem sozinha, as águas são profundas e misteriosas e, ao mergulhar nessa enchente, vamos encontrar águas vindo de outras direções, lugares muito longínquos com nascentes ancestrais. Quando as águas das nascentes se encontram formam um rio imenso, é impossível separar as águas. Tarefa difícil identificar qual chegou primeiro, em que água devemos navegar antes. O rio nos convida a identificar as águas, percebê-las, e transpassar entre todas elas, porque uma é parte da outra, ao se encontrarem elas não se separam mais, uma deságua na outra. Mergulhando em uma, mergulhamos em todas.

In-ter-sec-ci-o-na-li-da-de

A perspectiva da interseccionalidade surgiu aproximadamente nas décadas de 1970 e 1980, junto às feministas negras estadunidenses, que questionavam o suposto universalismo da categoria “mulher”. Mais tarde pesquisadoras como Kimberlé Crenshaw, Adriana Piscitelli, Avta Brah, entre outras, elaboram o conceito de interseccionalidade para abordar os marcadores gênero, classe e raça/etnia, de forma

³³ FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2021.

interligada, construindo o entendimento de que seus entrelaçamentos contribuem para a manutenção das desigualdades sociais, de tal forma que, como aponta Roseane Amorim da Silva, os marcadores de opressão na sociedade não agem de forma independente uns dos outros, em vez disso, “essas formas de opressão se inter-relacionam criando um sistema de opressão que reflete a intersecção de múltiplas formas de discriminação”³⁴. Kimberlé Crenshaw, mulher, negra, feminista, pesquisadora, apresenta a seguinte formulação:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.³⁵

Kimberlé, em “A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero”³⁶, narra o momento em que começou a pensar sobre o conceito de interseccionalidade. Na década de 1980, quando estudava direito, recebeu um convite para ir a uma recepção em uma famosa agremiação estudantil da Universidade de Harvard. O convite partira de um amigo que era o primeiro estudante negro a ser aceito naquela agremiação tradicionalmente branca. Antes de chegar ao local, Kimberlé e um amigo que a acompanhava combinaram uma atitude. **Kimberlé:** *Meu colega deixou bem claro que se nos deparássemos com qualquer hostilidade iríamos dar meia-volta imediatamente.* Chegando ao local, bateram na porta, um rapaz abriu muito constrangido. **Anfitrião:** *Esqueci de dizer que vocês não podem entrar pela porta da frente.* Ao que o amigo de Kimberlé, indignado, respondeu. **Amigo:** *Se não pudermos entrar pela porta da frente, não vamos entrar. Não vamos aceitar qualquer discriminação racial.* O anfitrião, então, disse. **Anfitrião:** *Não é uma questão de discriminação racial. Você pode entrar pela porta da frente, a Kimberlé é que não pode, porque ela é mulher.* O amigo, aliviado, consentiu. **Amigo:** *Ah, então não tem problema, vamos entrar pela porta dos fundos.* Trago essa história porque, da forma

³⁴ SILVA, Roseane Amorim, 2019, p.16.

³⁵ CRENSHAW, Kimberlé, 2002, p. 177.

³⁶ CRENSHAW, Kimberlé, 2004.

como percebo, ela expõe o princípio do conceito de interseccionalidade de forma didática.

Naquela situação, o ser negra de Kimberlé dava passe livre pela porta da frente, mas o ser mulher não. Os eixos de subordinação não são uma escolha individual e sim um lugar de pertencimento estabelecido com poucas ou, em alguns casos, nenhuma via de fuga. Uma pessoa que nasce mulher negra em uma família com situação socioeconômica limitada enfrentará uma estrutura opressora desigual em relação a um homem negro que nasce na mesma família.

Kimberlé expõe que os eixos de subordinação se encontram e são inseparáveis. Por isso, ao analisar uma situação que acreditamos ser provocada pelo eixo do gênero, precisamos necessariamente investigar a existência de outros eixos.

Tendo apresentado a perspectiva da interseccionalidade, proposta por Crenshaw, penso ser importante trazer para esta pesquisa um elemento de tensão presente nas observações da pensadora decolonial dominicana Ochy Curiel, que percebe o conceito eminentemente no âmbito jurídico, ou seja como uma forma de chamar a atenção do Estado para a situação das mulheres negras, mas que, ao considerar em separado os eixos de opressão como condições autônomas que, em dado momento, se interseccionam, acaba por perder de vista a forma como tais condições são produzidas pelos sistemas de opressões.

Então, o problema da interseccionalidade é que, por meio dela, primeiro se assume que as identidades se constroem de maneira autônoma, quer dizer, que minha condição de mulher está separada da minha condição de negra e que minha condição de negra também está separada da minha condição de lésbica. E de classe. Esse é o primeiro problema. E que há um momento em que, como as utopistas, isso se intersecciona. Isso é um problema, porque, quando entendemos o Sistema Mundo Colonial, todas essas condições são produzidas pelos sistemas de opressão³⁷.

Para Curiel, a fragilidade da interseccionalidade está em não se perguntar como são produzidas as identidades e diferenças produzidas pelos sistemas de opressão.

Por que sou negra? Por que sou indígena? Por que sou lésbica? As respostas: Sou negra e indígena por causa do racismo, sou lésbica por causa do heterossexismo. Ou seja, para além de utilizarmos estas

³⁷ CURIEL, Ochy citada por TEIXEIRA, Analba Brazão, *et al.* 2017, p. 116.

categorias para nos articularmos politicamente, devemos saber que esses lugares foram produzidos pela colonialidade. Nossas lutas, portanto, não podem se limitar a reconhecer as identidades e as diferenças, mas também a acabar com os sistemas de dominação ³⁸.

Ao não aprofundar o questionamento sobre como se produzem os eixos de opressão, limitando-se a identificá-los, para Curiel, a interseccionalidade tem sua ação política e seus efeitos limitados às instituições do Estado.

Longe de pretender esgotar a crítica de Ochy Curiel ou mesmo de abandonar a perspectiva da interseccionalidade, acredito que para analisar os disparadores das violências contra mulheres é imprescindível refletir sobre educação, gêneros, raças, etnias, classes sociais, práticas culturais, nacionalidades, regionalidades, mídias de massa e outros temas que se interceptam. Quando as águas se misturam não conseguimos mais separar. Assim, para combater as violências contra mulheres, é necessário navegar em águas mais profundas e mapear os sistemas de opressão que produzem desigualdades básicas para o ser e estar mulher atualmente no nosso país.

Um ato de violência não está isolado, ele pertence a esse mundo, às pessoas que aqui estão, a violência é nutrida por diferentes fatores: têm os que financiam, tem os que praticam, tem os que calam, tem os que não querem ver por achar que assim ela vai desaparecer, vai deixar de existir, tem, até mesmo, os que concordam que a violência é instigada pelas próprias vítimas. A violência é sintomática. A violência é sistemática. A violência é produzida por sistemas desumanizantes de dominação.

O aumento alarmante das violências contra as mulheres no Brasil no ano de 2021, atestado pelos dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública³⁹, escancara que estamos passando por um período de muita turbulência e abandono. Evidentemente, no entanto, que não são todas as pessoas que estão abandonadas, apenas a galera do fundão. Os "escolhidos" estão a 300 km/h em seus iates de luxo e, quanto maior a turbulência, mais velozes eles ficam.

E o que fazer?

Recuar?

Não, essa não é uma opção.

³⁸ CURIEL, Ochy citada por DA SILVA, Ana Paula Procópio, *et al.* 2020, p. 274-275, tradução nossa.

³⁹ Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021.

Precisamos respirar, pegar fôlego e seguir em busca de caminhos possíveis. Isso aqui, essa escrita, nesse momento, para mim, é uma tomada de ar. Nesse mergulho atordoado entre as mulheres que formam meu antes, que me apresentam perspectivas para olhar a imensidão de águas turvas, existe uma em especial que propõe uma revolução feminista na educação, que deseja a transgressão e a liberdade.

Tudo sobre o amor. Ela é apaixonante. Se não está com disposição para se apaixonar, melhor não abrir seus livros. Antes de tudo ela é uma artista, uma poeta. Não se pode confiar nas poetas, elas são ardilosas e irresistíveis com as palavras. Quando você menos espera é fisgada e, então, pronto, vai querer engolir todas as palavras escritas por elas, vai querer compreender seus pensamentos, ideias, teorias e, quanto mais você se envolve, mais apaixonada fica.

Uma pausa, alguns instantes.....

Respire, acalme a mente e conecte-se com o aqui-agora.

Som de um sino budista.

Respire...



bell hooks

revolução

bell

hooks

Ainda não foi dito, mas talvez esse seja o momento. Para quem escrevo? Essa escrita é o desejo de um diálogo, que se tece nas páginas em branco como um monólogo. Algumas vezes escrevemos por motivações internas que não são perceptíveis na escrita. Nessa escrita, há pessoas com quem converso a todo momento. Escrevo para minhas companheiras de sala de aula, mulheres que escolheram o lugar da educação. Professoras do Ensino Fundamental I, que são formadoras e inventoras. Escrevo como se contasse a elas histórias que gostaria que conhecessem.

Gostaria que conhecessem bell hooks.

O convite de transgredir de bell hooks.

Hopkinsville, uma pequena cidade segregada do estado de Kentucky, sul dos Estados Unidos. No ano de 1952, em uma família de classe trabalhadora, nasce uma menina negra de olhos curiosos para o mundo. Seu pai é zelador e sua mãe é dona de casa, tem cinco irmãs e um irmão. A menina cresce rodeada de mulheres, mas em uma estrutura patriarcal. Ela é muito falante, curiosa, faz perguntas, quer saber sobre os assuntos de adultos, reflete sobre questões, emite opiniões, “*essas coisas não são de menina*”, então ela é frequentemente reprimida. **bell:** *Minha casa era o lugar onde eu era obrigada a me conformar a noções de outra pessoa acerca de quem e o que eu deveria ser*⁴⁰.

⁴⁰ As falas de bell hooks utilizadas nesta parte do texto são extraídas das seguintes obras: *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017), *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2020), *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática* (2020), *E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo* (2021), *Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança* (2021) e *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2021).

As meninas negras, do Sul, na época do apartheid⁴¹ tinham três opções de destino. **bell:** *Podíamos casar, podíamos trabalhar como empregadas e podíamos nos tornar professora de escola.* Assim, as meninas que gostavam de ler e escrever estavam destinadas a serem professoras do magistério, o que significava uma vida celibatária. **bell:** *O magistério era visto como algo quase sacerdotal. A mulher que optava pela carreira de professora renunciava à vida amorosa e à vida sexual.*

A menina, fascinada pelas letras, lê e escreve o dia todo, seu sonho: ser uma poeta. É na escola Booker T. Washington que é apresentada à ela a liberdade de sonhar, de desejar destinos outros. A escola se torna o lugar onde o impossível pode ser possível, onde a utopia é bem-vinda, onde as curiosidades, os pensamentos e as perguntas são acolhidas e fortalecidas. As professoras são mulheres negras que se empenham diariamente na construção de um futuro de escolhas para suas alunas. Esse é um posicionamento político, uma missão. **bell:** *O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural – negros que usavam a “cabeça”. Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista. Embora não definissem nem formulassem essas práticas em termos teóricos, minhas professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial. Nessas escolas segregadas, as crianças negras consideradas excepcionalmente dotadas recebiam atenção especial. As professoras trabalhavam conosco e para nós a fim de garantir que realizamos nosso destino intelectual e, assim, edificaremos a raça. Minhas professoras tinham uma missão.*

Comprometidas com sua missão, as professoras faziam de tudo para “conhecer” suas alunas. **bell:** *conheciam nossos pais, nossa condição econômica, sabiam a que igreja íamos, como era nossa casa e como nossa família nos tratava [...]. Ir à escola era pura alegria. Eu adorava ser aluna. Adorava aprender. A escola era o lugar do êxtase – do prazer e do perigo. Perigo porque aprender novas ideias que contrariavam os valores e noções da família é entrar em uma zona conflitante. Assim, rapidamente a menina percebeu que o lugar de possibilidades outras, de*

⁴¹ Apartheid é um regime político que se pauta na segregação racial.

invenção, da criação de uma nova narrativa era a escola. **bell:** A escola era um lugar onde eu podia esquecer essas noções e me reinventar através das ideias. O primeiro contato da menina com a educação formal foi determinante para a sua trajetória. As professoras despertaram nela aquilo que, talvez, fosse o mais temido na época, a construção de um pensamento crítico em relação ao estar no mundo como mulher negra. A menina segue preenchendo seus cadernos de poemas e ideias utópicas, ao menos para aquele tempo-espaço. O inventar, o criar, o sonhar, o dizer aquilo que ainda não tinha sido dito percorre suas escritas.

Então, uma transformação radical se opera sobre a educação nos Estados Unidos, a integração racial. Agora, a menina vai para a escola de brancos, longe de casa, com professores e colegas brancos. Ela arruma sua mochila, carregada de coragem e audácia, sobe no ônibus e viaja durante uma hora. Chega à escola antes de todos os alunos brancos, é encaminhada para um lugar grande, frio, isolado – mais uma viagem demorada, mas agora sem sair do lugar. **bell:** *Sentar no ginásio e esperar. Acreditava-se que essa prática impediria episódios de violência e hostilidade, pois eliminava a possibilidade de contato social antes das aulas.* Depois da chegada de todos os alunos brancos e a garantia de que estão acomodados e em segurança nas salas de aula, a menina era liberada. A “escola de brancos” era um lugar hostil. **bell:** *Não era nosso mundo, não era nossa escola. Não estávamos mais no centro, mas à margem, e isso doía.*

A escola integrada não era mais o espaço da descoberta, do prazer, do êxtase, era a escola dos outros. A menina segue estudando e colecionando memórias intensamente negativas da escola, mas isso não a afasta da educação. **bell:** *Me formei na escola ainda acreditando que a educação é capacitante, que ela aumenta nossa capacidade de ser livre.* A menina segue. Com um pouco mais de coragem e um pouco mais de ousadia na mochila, em 1970 aos dezoito anos, ingressa na Universidade de Stanford, na Califórnia, para estudar Língua Inglesa. A menina já crescida, mais mulher do que menina, se preenche de expectativa nesse reencontro com a educação. **bell:** *Mesmo tendo cursado o ensino médio com professores abertamente racistas que nos desprezavam e eram indelicados, eu havia romantizado a faculdade. Acreditei que seria o paraíso do aprendizado, onde estaríamos todos tão ocupados estudando que jamais teríamos tempo para coisas mesquinhas deste mundo, muito menos para o racismo.* Em pouco tempo na universidade, ela percebeu

que o racismo existia e era ainda mais cruel na graduação. Em geral, ela sabia quais eram os professores brancos que a odiavam, que não a consideravam totalmente humana, que acreditavam que ela pertencia a uma raça inferior que não deveria frequentar aquele espaço por ser incapaz de aprender. **bell:** *Quando cheguei à faculdade, fiquei realmente abismada ao encontrar professores que pareciam ter como principal fonte de prazer na sala de aula o exercício do poder autoritário, esmagando nossos espíritos e desumanizando nossa mente e nosso corpo.* Sua chegada na faculdade foi consequência de uma longa e potente luta social antirracista e por direitos civis. A democratização da educação estava na base da proposta por igualdade racial, nos corredores e salas de aulas majoritariamente brancas e hostis era possível eventualmente encontrar aliados, estudantes e professores antirracistas ou aparentemente antirracistas, mas não era somente o racismo que precisava ser combatido. **bell:** *O machismo confesso de meus professores da graduação era mais duro que seu racismo velado.* É durante a graduação que a jovem estudante, negra, mulher e da classe trabalhadora percebe que sua experiência é afetada por mais de um marcador ao mesmo tempo.

Naquele momento, no movimento pela equidade racial, ela não percebia espaço para as pautas das mulheres, não percebia um questionamento da integridade do patriarcado, pelo contrário, o que via era a reprodução da lógica sexista na organização do movimento. As mulheres eram silenciadas e coagidas a atuarem em papéis secundários. **bell:** *Ativistas negros reconheceram publicamente que esperavam que mulheres negras se envolvessem no movimento para cumprir um papel sexista padrão. Eles exigiram que mulheres negras assumissem uma posição de subserviência. Disseram a elas que deveriam cuidar das necessidades do lar e gerar guerreiros para a revolução.* Inquieta e em uma busca constante de espaço para ecoar sua voz a estudante/ativista/mulher/negra começa a frequentar as aulas do curso de Estudo de Mulheres cuja professora era branca, as alunas eram em sua maioria brancas e as autoras lidas, brancas. Ao expor sua preocupação com ausência de trabalhos de mulheres negras e com a ausência de mulheres negras na luta feminista, ouve repetidamente a mesma percepção das mulheres brancas. **bell:** *Respondiam dizendo que conseguiam entender a recusa da mulher negra em se envolver com a luta feminina, porque ela já estava envolvida na luta para acabar com o racismo. Enquanto eu incentivava mulheres negras a se tornarem feministas ativas,*

diziam-me que não deveríamos nos tornar ativistas do movimento de libertação das mulheres, porque o racismo era a força opressora em nossa vida, não o sexismo. [...] Para ambos os grupos expressei minha convicção de que a luta para acabar com o racismo e a luta para acabar com o sexismo eram naturalmente interligadas.

Ainda durante a graduação, na busca incessante por compreender sua experiência de mulher negra da classe trabalhadora ela mergulha na pesquisa sobre as trajetórias de mulheres afro-americanas. **bell:** *Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar – aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura.*

Gostaria que conhecessem bell hooks.

O convite de transgredir de bell hooks.

Por isso, por conta de sua integridade, pela busca de coerência entre seu pensamento, sua voz e suas ações. Por isso, por conta da percepção de que as opressões se articulam em torno de marcadores diversos como gênero, raça, classe e nacionalidade, status migratório, entre outros. Por isso, por conta da percepção de que a educação tem um papel na execução, manutenção e propagação da opressão, mas, ao mesmo tempo, pode e deve ter um papel transgressivo, de crítica, de engajamento, de esperança. **bell:** *O racismo é apenas um dos sistemas de dominação perpetuados e mantidos por educadores. Assim como me disseram no ensino médio que não existiam escritores negros, ensinaram-me durante os anos de graduação, em uma faculdade de elite, que mulheres não poderiam ser ‘grandes’ escritoras. Felizmente, tive uma professora branca que nos ensinou a reconhecer os preconceitos do patriarcado e a desafiá-los. Sem esse ensinamento contra-hegemônico, quantas mulheres teriam o desejo de escrever esmagado, quantas se formariam pensando: por que tentar, se você jamais poderá ser boa o suficiente?*

Em “À sombra desta mangueira”, Paulo Freire diz:

Qualquer que seja a dimensão pela qual apreciemos a prática educativa, a gnosiológica, a estética, a ética, a política, seu processo, se autenticamente vivido, implica sempre a esperança⁴².

bell hooks cita essa mesma frase em seu prefácio de “Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança”, terceiro livro de sua trilogia sobre a educação. Logo depois, no parágrafo seguinte. **bell:** *Minha esperança emerge daqueles lugares de luta nos quais testemunho indivíduos transformando positivamente sua vida e o mundo ao seu redor. Educar é sempre uma vocação arraigada na esperança.*

Ednéia Gonçalves, no prefácio à edição brasileira de “Ensinando Comunidade”, aponta que:

Esperançar, para bell e Freire, é condição para o estabelecimento de comunidades educativas dispostas a reagir à violência das opressões vigentes em ambientes estruturalmente hostis à liberdade de expressão e a questionamentos das relações verticalizadas que as sustentam⁴³.

Que possam os espaços educacionais serem "daqueles lugares de luta" em que possamos testemunhar "indivíduos transformando positivamente sua vida e o mundo ao seu redor". Que possamos ser educadoras movidas pelo senso de esperança, engajamento e transgressão.

Esperancemos.

⁴² FREIRE, Paulo, 2015, p. 107.

⁴³ GONÇALVES, Ednéia, 2021, p. 13.

Uma pausa de 3 minutos e 43 segundos.
Clique no link ou acesse o QR Code e [ouça uma canção](#).



HISTÓRIAS DE VIDA ME INTERESSAM MAIS

*Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para a mudança, a invenção e as alterações espontâneas (...)*⁴⁴

O antes e o antes do antes. Lembro que, quando estava na escola, não conseguia pronunciar meu nome, Gleniana. Eu devia ter uns 7 anos e contava sempre com minha irmã, Marjana, para dizer às pessoas como me chamava. Até que minha mãe tricou, com restos de lã, um blusão que tinha escrito no centro, em letras garrafais, o meu nome. Então, quando alguém perguntava, eu não falava, só apontava com um gesto decorado o centro do corpo o nome ali trançado em cores erráticas. Antes da palavra tinha o gesto e antes, o nome, um emaranhado de linhas trançadas por uma mulher que lutava para criar, sozinha, as duas filhas. Ângela.

O lugar onde passei minha infância é quase uma cidade pequena. Belém Novo, bairro da zona rural de Porto Alegre. No final dos anos 1990, assim como em uma cidade pequena, em Belém Novo quase todas as pessoas se conheciam. Também como em uma cidade pequena, Belém Novo tem o seu centrinho com a igreja, mercado, farmácia, quadra esportiva, praça, figueiras centenárias, bancos azuis, carrocinha de cachorro-quente, cachorros, figuras populares e bem no centro da praça, entre as figueiras, está um casarão verde, chão de tábuas e arquitetura do início do século XX. É nesse casarão de portas e janelas largas de madeiras que fica a Escola Estadual Evaristo Flores da Cunha, o lugar mais desejado por mim na infância. Por onde andávamos, minha mãe anunciava: “Esse ano ela vai pra escola”, “Vai ser o primeiro ano dela na escola”, “Minhas duas filhas vão pra escola esse ano”. Eu finalmente iria para aquele lugar que a minha irmã passava horas e mais horas fazendo coisas que eu não sabia o que era, mas tinha certeza de que eram coisas importantes, ao lado de um monte de outras crianças assim como nós. A mãe conta que não tinha vaga para todas as crianças no jardim de infância, por isso fui matriculada direto na primeira série do Ensino Fundamental. Na escola tinha um lugar misterioso que me encantava, o jardim de infância. Ele ficava em um espaço especial na escola, numa casa redonda. A arquitetura era diferente do resto da escola, lá tudo

⁴⁴ HOOKS, bell, 2017, p. 21.

era colorido, bonito e a professora estava sempre sorrindo. Na hora do recreio, escolhia sentar perto do jardim de infância, abria minha maleta de brinquedo, que usava como lancheira, e comia meu pão de casa com chimia de casa, olhando lá para dentro, tentando descobrir o que acontecia naquele lugar. As crianças da minha turma conheciam a professora, o lugar e as coisas que lá aconteciam, eu não. Naquele lugar misterioso, as crianças da minha turma aprenderam o nome de todas as letras do alfabeto e os números. Eu ainda não tinha aprendido essas coisas de letras e números. Aquelas pequenas pessoas tinham aprendido muitas coisas no jardim de infância, coisas que, até então, não faziam falta na minha vida, Eu era muito feliz, saudável e esperta sem saber aquelas coisas, mas de uma hora para outra, saber aquelas coisas parecia ser algo fundamental para a minha existência. Mas, desde o início da minha experiência na educação, sentia-me insuficiente. Precisava ser resgatada, mas era como se não existisse uma pessoa para resgatar as pequenas pessoas assim como eu, que não aprenderam as letras e os números no momento que deveriam ter aprendido as letras e os números, pela impossibilidade de estar no jardim de infância. Aqueles grandes problemas que não são culpa de ninguém, por isso ninguém resolve.

Minha primeira professora era muito rígida, poucas vezes eu a via sorrindo, na verdade eu não lembro dela sorrindo. Uma lembrança muito nítida que tenho é ela em pé no quadro verde escrevendo com giz as letras do alfabeto, bem grandes e espalhadas. Para cada pessoa, ela perguntava o nome de uma letra. Eu não sabia. Nada que ela perguntava eu sabia. Quando bateu o sinal para o recreio, lembro de sair na porta e falar para a professora que eu ia decorar todas as letras durante o recreio e que na volta ela poderia me perguntar novamente. Ela não perguntou, eu não decorei. Até entrar na escola, eu achava que era inteligente. Foi na escola que descobri ser burra. Ao menos era como eu me sentia. Lembro de ouvir as pessoas comentarem: “ela não gosta de estudar”, “ela é preguiçosa”, “o que vai ser dela?”. Eu tinha dificuldade de pronunciar as palavras, só minha mãe e minha irmã entendiam o que eu falava, foi na escola que eu percebi minha dificuldade de comunicação com o mundo. Então, cada vez eu falava menos nas aulas. Às vezes porque não sabia a resposta certa e outras porque ninguém entendia o que eu falava mesmo, então parei de tentar. Quando a professora pedia para a turma responder os exercícios em voz alta ou ler em voz alta, no meio daquele coro de vozes eu só mexia a boca. E assim

eu fui silenciando... desaparecendo... passando... vivendo... sendo aquela aluna num canto da sala que não fala, não faz os exercícios, não entende nada e que, por vezes, ninguém nem o nome sabe, mas que está ali, existindo ali, meio infiltrada meio deslocada, meio dentro meio fora.

Tem algo que aprendo com bell hooks toda vez que a leio: o que uma pessoa pensa e o que ela vive não são coisas diferentes, Isso me faz querer saber por que as pessoas pensam e dizem o que pensam e dizem, como se a contribuição de uma autora, para mim, fosse sempre um emaranhado de pensamentos, gestos e nomes, de histórias. Histórias de vida me interessam mais.

Minha história com a educação se transforma pela experiência artística. Foi no contato com o teatro que passei a perceber possibilidades luminosas de aprender e criar. O teatro transformou minha vida e me apresentou potências do estar no mundo que eram desconhecidas para mim. Mais do que a instrumentalização das técnicas teatrais, eu tinha encontrado naquela experiência uma utopia. Eu não estava em busca por teorias, mas por pessoas, por um coletivo, um grupo, um lugar de acolhimento e intensidades, uma espécie de encruzilhada no espaço-tempo, um encontro. E foi nas salas, corredores, paredes e no chão da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, no curso Graduação em Teatro: Licenciatura, que encontrei as minhas pessoas, minha errática coletividade: Francisco Gick, Luan Silveira, Gustavo Dienstmann, Nina Picoli, Mani Torres e Jezebel De Carli.

Foi ali e, principalmente, com essas pessoas que eu me encontrei e nesse encontro me descobri uma artista, desviante, porque meu ser artista não surge do talento ou vocação e sim de trabalho coletivo. Naquele momento tinha duas certezas: eu era uma artista; eu não era uma professora. Não me via como professora, não sabia pensar como professora ou agir como professora. A sala de aula sempre me assombrou.

Aos poucos, o sonho de viver e sobreviver do ser artista se mostrou, em minha trajetória, uma narrativa ficcional, muito bonita, potente, relevante, necessária, mas que eu não encontrava caminhos de tornar atual. A escolha de ser artista e viver de arte em nosso país é, às vezes, romantizada e essa romantização é muito perigosa. Pessoas que com muita resistência escolhem viver somente de sua arte por acreditarem que em algum momento o seu ofício vai lhe proporcionar uma vida digna.

Muitas vezes, e posso arriscar por experiências compartilhadas que na grande maioria das vezes, esse momento não chega. Aos artistas que não estão na grande mídia e que não têm outro meio de sobrevivência, está reservado um futuro de escassez. Ainda na graduação, compreendi isso, mas não é algo fácil de aceitar, quando você é jovem, estudante e está encantada pela profissão que escolheu. Acreditava ser possível viver da minha arte, que conseguiria, junto às pessoas que formavam o Coletivo Errática, encontrar fissuras para desenvolver nosso trabalho e sermos remunerados por isso, assim como acontece com a maioria das profissões em nosso país. Mas então a brutalidade tomou espaço do sonho e o “sobreviver” não era mais uma escolha e, sim, uma urgência. O sonho de viver de arte precisou ser adiado e começou a meta de conseguir “manter-se” para terminar a graduação. Em minha turma da graduação, das vinte e cinco pessoas que começaram o curso, apenas quatro se formaram. Grande parte das pessoas que perdemos no caminho se viram impossibilitadas de continuar sua formação por questões financeiras. O meu motivo de não ter desistido foi não estar sozinha, ter criado vínculos e uma rede de apoio que me fortaleceu e me fortalece até hoje. E que faz parte dessa escrita. A ação de digitar, tecendo letras que formam sílabas, palavras, frases, parágrafos, o ato de preencher um espaço em branco é solitário, mas a escrita não é solitária os questionamentos, memórias, perguntas, ideias, pensamentos, desejos, experiências que preenchem e impulsionam essa escrita não vem do individual, é coletivo.

Assim que o ser professora, inicialmente percebido como uma espécie de castração, resultado de uma triste impossibilidade, foi sendo nutrido e ganhando espaço em minha trajetória. E o que antes nem era uma possibilidade, mostrou-se inseparável de minha escolha de ser artista. Ser professora funde-se com o meu ser artista, numa espécie de simbiose tão perfeita em que já não se identifica mais uma e outra coisa, apenas essa nova forma de existir no mundo, esse híbrido. Já não era mais possível ser artista sem ser professora e não era possível ser professora sem ser artista, como em um processo antropofágico, eu consumia as experiências, elas se encontravam e transbordavam delas mesmas. Eu me tornei uma artista/professora, uma professora/artista. Nesse percurso, ministrei oficinas de teatro para crianças, jovens e adultos em escolas livres de arte, projetos culturais, na Penitenciária Modulada de Montenegro para mulheres, na Fundação de Atendimento Socioeducacional, em escolas públicas e particulares.

Em 2016, iniciei um projeto teatral independente direcionado para a juventude, que nomeei OPA - Oficina Práticas em Atuação, com aulas regulares aos sábados pela manhã. Atualmente, são sete anos de encontros semanais, espetáculos de teatro, de descobertas, troca de saberes, dores, amores, conquistas, fracassos, conflitos, medos e muitas festas de aniversários, as relações transbordam a sala de aula. Para o meu ser professora/artista, esse é um espaço de experimentação de metodologias, de criação coletiva, de inventividade, de ousadia e de compartilhamento.

Esse contato permanente com jovens ecoa as observações de Rita Severo (2014) sobre a elasticidade do conceito de juventude e sobre as múltiplas identidades, compreensões, idades e atitudes que se reúnem em torno desse conceito no mundo contemporâneo.

(...) não existe um único jeito de ser jovem e, sim, juventudes que variam de acordo com a classe social, o lugar onde vivem as gerações às quais pertencem e à diversidade cultural.⁴⁵

Com frequência, as turmas são formadas por pessoas tímidas, com a autoestima fragilizada, dificuldade de relacionamento, que recebem acompanhamento psicológico profissional e, em alguns casos, já fazem uso de medicações a partir de diferentes diagnósticos. Mas, nesse espaço de acolhimento e liberdade organizado pelo teatro, pelo contato com a arte e seus fazeres, é também frequente perceber novas experimentações identitárias, inovações visuais, novos relacionamentos, novas formas de falar, de vestir, de se relacionar com as tecnologias etc.

Penso, ainda ecoando Rita, que as experiências coletivas que construímos na OPA promovem uma espécie de desordenamento, brechas, por onde podem emergir novas improvisações existenciais, novas formas de estar no mundo.

Todo ano encerramos e iniciamos um novo ciclo. Cada primeiro encontro com uma nova turma é sempre permeado por expectativa, timidez e descoberta. Começamos com uma roda de conversa, que tem, no começo, um certo clima de desconforto e timidez, as vozes são bem baixas, olhares para o chão, cabelo tapando o rosto, mãos inquietas. Mas aí, a força do estar em coletivo se torna presente e, de alguma forma, aquele clima se dissolve aos poucos e eu começo a encontrar os

⁴⁵ SEVERO, Rita Cristine Basso Soares, 2014, p.55.

olhares e sorrisos de canto de boca. Quase como uma encenação, começo a contar o quanto foi constrangedora a minha primeira aula de teatro, conto que o teatro me salvou de mim mesma e o quanto a minha vida foi transformada pelas pessoas que encontrei no teatro, digo que o teatro é uma arte coletiva e que ali, juntos, vamos criar um lugar, um espaço de compartilhamento de trajetórias, pensamentos, desejos, arte e daqui nove meses estaremos no palco compartilhando nossas criações com o público formado por nossas famílias, amigas, amigos e as pessoas que a gente escolher para estarem ali com a gente.

A aula segue com aquecimento, exercício técnico teatral e improvisação. Essa estrutura se repete ao longo dos meses, a turma aceita o convite e absorve rapidamente o ritual de sentar em roda e conversar.

Algumas semanas, talvez meses se passem.

Sábado, abro a porta da sala, ouço uma música tocando, o cheiro de incenso queimando e a turma sentada em um círculo perfeito no meio da sala, conversando. Tiro uma foto sem que percebam, acho aquela imagem tão bonita, é como um organismo, um corpo, uma estrutura com existência própria, aquela coisa funciona sem a minha interferência, ela começou antes da minha chegada e vai continuar quando eu for embora. Aquilo transborda a sala de aula, a professora e o teatro. Aquela imagem é a materialidade que aquelas jovens (pessoas antes desconhecidas) agora se sentem pertencentes a um lugar, àquele lugar, um círculo de afetos, um coletivo, uma pequena comunidade que criou seus próprios funcionamentos, códigos, memórias e rituais.

Não estou atrasada para nosso encontro, pelo contrário, sempre chego uns dez minutos antes, mas o desejo, a urgência de estar naquele lugar faz aquelas pessoas chegarem muito antes da hora marcada. Deixo a bolsa do lado do som, descalço os sapatos, sento na roda e fico escutando a conversa e anotando alguns tópicos, até que alguém diz algo, como: “O que vamos fazer hoje, Guega?”; “Guega, preciso te contar uma coisa?”; “Guega ouve isso, conta de novo pra Guega.”; “Guega, a gente pensou em uma cena”. É como um sinal de “permissão” para que eu possa entrar naquilo que já tinha começado antes da minha chegada, eu sempre espero esse sinal e, então, tento continuar a conversa instigando algumas questões ou temas que

pretendo desenvolver nas improvisações de cenas teatrais e finalizo apresentando o planejamento da aula.

Às vezes, esse planejamento se altera na própria roda porque, na conversa, algo se mostrou mais interessante do que aquilo que eu havia planejado. Por vezes, alguém da turma tem uma sugestão mais instigante, outras vezes, existe uma vontade da turma de retomar algo trabalhado anteriormente. As aulas seguem essa estrutura até o momento de começar o processo de criação do espetáculo de conclusão. e então, nas rodas de conversa, lanço perguntas para mapear as vontades da turma em relação ao tema que vamos abordar no espetáculo.

Ano de 2018. Roda de conversa. A pergunta-guia é: O que eu desejo dizer para o mundo? Essa pergunta teve muita reverberação. O momento da roda que normalmente dura uns vinte minutos, naquele dia se prolongou, ficamos ali em roda conversando durante todo o encontro. Aquelas jovens queriam falar sobre violências, assédio sexual, assédio moral, identidade de gênero, homofobia, racismo, heteronormatividade, depressão e outros assuntos. Um rompante de relatos ininterruptos de experiências pessoais e coletivas vivenciadas principalmente em ambientes educacionais. A necessidade perceptível de falar, de compartilhar, de externar algo com urgência de ser pronunciado, proferido, articulado, comunicado, relatado, anunciado, gritado.

Quando pensei na provocação “O que eu desejo dizer para o mundo?”, fui ingênua ao supor que encontraria respostas menos complexas, achava que encontraria questões mais leves e menos pessoais, não presumia as violências que aquelas pessoas já tinham vivenciado em suas trajetórias. Como numa trilha de filme de terror, o encontro das vozes formavam um grande coro terrivelmente ensurdecidor. É impossível não escutar. O barulho é ensurdecidor. Dói. Uma dor profundamente destruidora, é inevitável, algo morre ao escutar aquela trilha composta por vozes machucadas pelo silenciamento. Simultaneamente, em minha mente, a reconstrução angustiante e incessante de imagens atormentadoras de situações que não presenciei, mas que produzem memórias absolutamente vivas. A revolta por saber que não é a primeira vez que aquelas vozes ecoam, a incompreensão do silêncio das pessoas que vieram antes, que ouviram essas vozes, balançaram a cabeça, lamentaram o ocorrido e sugeriram que as vítimas tomassem mais cuidado

da próxima vez para não serem vítimas. A distorção repetida do entendimento do ser vítima. A naturalização silenciosa das violências. A institucionalização da negligência. Não teve escuta, não teve acolhimento, não teve responsabilização, não teve combate, não teve ação, não teve processo de CURA.

Aquele momento intensivo da roda talvez fizesse parte do processo de busca pela cura. As pessoas presentes falaram, escutaram, choraram, abraçaram e tomaram uma decisão, o espetáculo falaria sobre tudo aquilo que havia sido dito ali. A partir das perguntas **Quem sou eu?** e **O que eu desejo dizer para o mundo?**, em novembro daquele ano, estreamos o espetáculo “Eu sou uma pergunta que dança”, composto a partir de improvisações, cenas, performances, textos, músicas, relatos, conversas, questionamentos e experiências produzidas ao longo do processo de construção do espetáculo.

Conto essa história porque o que penso não se separa do que vivo e porque esse momento, a roda de conversa, os relatos de violências, abusos e humilhações sofridas por aquelas jovens, esse momento me marca e me transforma intensamente, como se um corte se abrisse em minha trajetória ali e um novo caminho fosse inaugurado, uma nova improvisação. E é carregada com essa experiência de ser professora/artista que, em 2021, inicio minha trajetória como professora do componente curricular Artes na Educação Básica. De certa forma, a roda de conversa se alargou, agora é um prédio inteiro, um salto de 28 alunas e alunos para mais de 1.000. Uma expansão territorial e de percepções. Possibilidades múltiplas, histórias de vidas que percorrem as salas, corredores, pátios e se tocam e se afetam mutuamente.

Esta escrita é uma reverberação das múltiplas histórias de vida que me atravessam e se misturam à minha própria, a partir de um olhar de uma professora feminista, atenta para as violências, abusos e silenciamentos promovidos pelo sistema de opressão patriarcal no ambiente educacional e propositora de ações educacionais para o combate as violências contra as mulheres.

PARA UMA METODOLOGIA FEMINISTA

Uma mulher convida outra mulher a contar uma história sobre uma terceira mulher.

Uma mulher, eu, ouve a história contada pela mulher sobre a outra mulher, ela ressoa em mim. A história daquela mulher se fixa em mim. Procuro, investigo, farejo, remexo e encontro outras mulheres contando a mesma história. Cada mulher defensora de uma parte da história ou da mesma parte virada do avesso. Vou sobrepondo uma sobre a outra, pedaços imperfeitos, inacabados, furados. A história da mulher que antes era o antes da introdução dessa pesquisa vai pedindo espaço, ocupando mais e mais páginas em branco. A história que antes era o começo de algo que ainda iria acontecer torna-se o próprio acontecimento.

Uma narrativa

Um narrar

A história

A história de uma mulher

A história de vida de uma mulher

Um recorte da história de vida de uma mulher

Um recorte da história de vida de Tatiane Silva do Santos como disparador para a reflexão sobre o Combate às Violências contra Mulheres para jovens do segundo ano do Ensino Médio de uma escola descentralizada da cidade de Porto Alegre.

INVESTIGAÇÕES

[...] fico pensando, eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita.⁴⁶

Sempre tive uma queda pelo monstruoso, o acidental, pela velocidade, um interesse pelo não dito, o não contado, o escondido. Um gosto especial pelo ordinário, pelo pessoal. Uma enorme devoção pelo processo. O meio, o entre, o caminho.

⁴⁶ ANZALDÚA, Gloria, 2000, p. 233.

Assim que, aqui, em nada me interessa o relato contínuo, linear, objetivo, estático de uma realidade congelada que atende, historicamente, às demandas de um modo de conhecer o mundo determinado por uma racionalidade branca, masculina, europeia, de neutralidade e distanciamento⁴⁷. Como se o conhecimento existisse previamente em uma dimensão outra, desvinculada da realidade material e o processo de conhecer requeresse desprender-se das amarras dessa mesma realidade.

Gostaria de assumir como caminho de pesquisa um conjunto de práticas que reconheçam uma relação direta e indissociável entre o que se convencionou chamar de sujeito e o que se convencionou chamar de objeto. Práticas de não objetividade para uma pesquisa guiada pelas experiências de uma mulher/artista/professora/pesquisadora/feminista na escola. Práticas que alarguem o espaço do "pesquisável", que acolham o inesperado, o novo. Práticas que sejam também elas mesmas, criativas e que eu possa assumir como tal para assumir também que essa pesquisa é criação e não apenas a representação asséptica de um passado idealizado.

Gostaria de conectar essa proposta metodológica a isso: um entendimento de que a pesquisa não se move de acordo com o planejado, não é uma série de trajetos conhecidos, operando pequenas alterações que sempre a transformam nela mesma.

Eu gostaria, de minha parte, conectar essa proposta metodológica a isso: uma percepção radical de que a pesquisa se processa como uma série de acidentes que transformam ela mesma e a pesquisadora de maneiras inesperadas, imprevisíveis e, talvez, inexplicáveis – o que não significa que não haja intencionalidade, apenas que a relação entre intencionalidades e resultados se acha mediada pelo inesperado, pelo acidente –, mas não fortuitas.

Como resultado de um sério trauma ou, por vezes, sem qualquer razão em especial, o caminho se divide e uma nova persona, sem precedentes, ganha vida ao lado da pessoa anterior, e eventualmente toma o espaço todo. Uma persona irreconhecível, cujo presente não tem passado nenhum, cujo futuro não guarda nada por vir, uma absoluta improvisação existencial. Uma forma nascida do acidente, nascida por acidente, um tipo de acidente. Uma raça estranha. Um monstro cuja aparição não pode ser explicada como qualquer

⁴⁷ AMBROSIO, Rubia Renata; TORTATO, Cíntia de Souza Batista, 2021; CURIEL, Ochy, 2020; GROSGOUEL, Ramón, 2016.

anomalia genética. Um novo ser vem ao mundo pela segunda vez, emergindo de um corte profundo que se abre em uma biografia.⁴⁸

Pensando assim, com Malabou, o próprio eu se desloca. Esse eu que gosta, que gostaria, que, de sua parte, tem lá suas vontades., o eu da pesquisa se aproxima daquilo que de Bondía⁴⁹ descreve como uma superfície sensível que se afeta pelo que acontece, que ganha marcas, que recolhe vestígios de acontecimentos. Sujeito de acidentes.

De certa maneira, a ideia de uma metodologia feminista, nesta pesquisa, passa por um entendimento de que pesquisa e vida não são coisas diferentes, e que o relato da pesquisa é um conjunto dos vestígios deixados pela sucessão de acidentes que se atravessam a vida da pesquisadora, que a transformam ao longo da pesquisa, que transformam a pesquisa ao longo da vida. Já que pesquisa e vida não se separam. Já que vida e escrita não se separam, como diz Gloria Anzaldúa, como diz Conceição Evaristo. O fazer pesquisa, nesse sentido, é propor-se a compartilhar um relato, ou, em outras palavras, propor-se a contar histórias.

Quando ouvi a história de Tati pela primeira vez, ela ficou em mim, de alguma maneira, e era preciso entender aquilo, desvendar aquilo. Era necessário fazer da pesquisa aquilo, com documentos, referências, sentenças, recursos, um percurso impensado para fazer sossegar as vísceras, para aliviar o aperto no peito, para entender a história dessa mulher que bateu na parede e quebrou. Quebrei também. Como diz Sarah Ahmed: "Podemos ser despedaçadas pela força daquilo com que damos de cara quando nossos corpos são pequenos objetos jogados contra as paredes duras da história"⁵⁰.

⁴⁸ MALABOU, Catherine, 2012, p. 1-2, tradução nossa.

⁴⁹ BONDÍA, Jorge Larosa, 2002.

⁵⁰ AHMED, Sarah, 2022, p. 272.

“

**corpos quebram. também.
embora não seja só isso que os corpos façam.
ossos quebram. também.
embora não seja só isso que os ossos façam.**

Talvez precisemos desenvolver um sentido diferente para a quebra. Podemos valorizar o que é considerado quebrado; podemos apreciar corpos e coisas que são vistos como se tivessem fragmentos faltando. A quebra não precisa ser entendida apenas como a perda da integridade de alguma coisa, ela também pode ser vista como a aquisição de outra coisa, seja qual for.

**você é atingida.
coisas acontecem; acidentes acontecem,
podemos ser abaladas por aquilo com que
damos de cara.**

Tenho uma história.⁵¹

⁵¹ Ibid., p. 284-285.

Escrever como quem recolhe os pedaços.

Escrever sobre o que nos atravessa e nos convoca.

Já que vida e escrita não se separam.

Escrevivência, como propõe Conceição Evaristo.

UM MAR DE MARIAS

No Brasil, são aproximadamente 11,7 milhões de Marias⁵², de longe, o nome mais registrado em todo território nacional (o segundo é "José" com 5,7 milhões de registros).

"Brasil, chegou a vez / De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês"⁵³.

Existe um livro antigo que se tornou extremamente conhecido, e talvez a disseminação desse livro e o papel de suas histórias na cultura brasileira colaborem para que tantas pessoas escolham o nome Maria para as suas crianças. Mar de Marias. Nesse livro o nome Maria é composto com o nome Virgem. E ela é a mulher escolhida para gestar a vida do protagonista da maior parte das histórias: um homem. Mas não qualquer homem, o filho de Deus, um homem branco com olhos azuis e cabelos louros encaracolados, face rara no país das Marias, face rara na Judeia, onde a história se passa. Nesse lugar que chamamos de Brasil, a personagem mais reverenciada, venerada, cultuada é a Virgem Maria, negra surgida, assim se conta, nas águas de um rio para três pescadores no vale do Paraíba e que se tornou para um determinado grupo a padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida. Maria, nome de origem incerta, que provavelmente se originou a partir do hebraico Myriam, que significa "senhora soberana" ou "a vidente". Outras teorias traduzem o nome Maria para "mar de amargura", "a forte", "a que se eleva" ou ainda "estrela do mar".

No terreiro de Dona Suely, lugar que frequento desde criança, foi onde vi pela primeira vez uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, ali no altar de Yemanjá.

⁵² MATSUKI, 2016.

⁵³ Trecho do samba-enredo da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, de 2019, "Histórias para ninar gente grande", de autoria de Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino.

Um mar de mulheres, senhoras soberanas, estrelas do mar, escrita-vida com olhos d'água que ecoa vozes-mulheres em rimas de sangue, vozes mudas, caladas, engasgadas nas gargantas do ontem – o hoje – o agora⁵⁴. Maria que narra as vidas de muitas Marias no conto Maria. Maria da Conceição Evaristo de Brito.

⁵⁴ EVARISTO, 2017.

“

O texto é uma maneira também de se vingar um pouco. Pra mim a literatura é também meu espaço de vingança. Não só pelo texto em si, mas toda minha... minha mãe, minhas tias, primas trabalharam para famílias tradicionais de Belo Horizonte. Minha mãe trabalhou na casa de duas irmãs que eram escritoras a Alaíde Lisboa de Oliveira e Henriqueta Lisboa de Oliveira. O pai dessas senhoras foi padrinho da minha irmã mais velha, naquele momento ainda vivia um sistema em que as pessoas pobres e negras davam os filhos para os patrões batizarem na expectativa de receber proteção e, na verdade, continuavam ali trabalhando na casa daquelas pessoas. Minha outra prima trabalhou na casa de um grande pensador mineiro, Eduardo Frieiro. Passaram-se anos, eu também vou lidar com a escrita. Então eu sempre digo que a minha literatura me persegue desde o ventre materno quando minha mãe vai trabalhar em casa de família, quando eu mesmo trabalho em casa de famílias proeminentes. E hoje ter a oportunidade de por exemplo: (um livro que foi publicado em Belo Horizonte a bastante tempo que trata de escritores mineiros) o meu nome está na mesma obra que traz nomes de escritores que foram patrões de minha mãe. **Oh, gente, tem vingança melhor do que isso?! Não tem. Não derramei uma gota de sangue!**

CONCEIÇÃO EVARISTO⁵⁵

⁵⁵ Mano a Mano, 2023, n.p.

Uma professora da educação básica. Conceição Evaristo, uma das vozes mais importantes da contemporaneidade brasileira, é uma professora aposentada, que lecionou por mais de duas décadas nos anos iniciais da educação básica (1º ao 4º ano) em escolas públicas na cidade do Rio de Janeiro⁵⁶. Magistério, Letras, mestrado, doutorado. A professora é doutora, pesquisadora, ativista, escritora, mãe e todas as outras coisas que ela é. Ativa, fazedora de coisas do lugar da palavra, do assuntar, do ressuscitar, um imenso acervo de coisas escritas, declamadas, dançadas, imagens e mais imagens, dessa que carrega uma coroa, cabelos para o alto, olhar firme, voz cantada. A professora nasceu em 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Sua infância mineira se fez cercada de literatura por obra de sua mãe, que, apesar do empobrecimento da família, coletava livros e revistas e contava histórias para as crianças. "Minha mãe e minhas tias gostavam de assuntar a vida, eu aprendi a assuntar a vida com elas"⁵⁷. Com uma prosa sensível, profunda e provocadora, a professora escolhe assuntar a vida em escrita, tecendo narrativas que exploram as interseções entre gênero, raça e classe social, revelando as nuances de vidas outrora não contadas. Suas histórias são memórias pessoais, coletivas, ancestrais. As personagens, na maioria mulheres negras, ganham vida e voz, construindo pontes entre passado, presente e futuros inventados, reconstruindo a história para incluir as vozes que foram silenciadas, perdidas no caminho ou esquecidas.

Aqui, Conceição porque é Evaristo: a professora, a escritora, a contadora de histórias – não quaisquer histórias, mas histórias vividas, um ato político, uma escolha de escrita a partir da vida. Escrevivência como um projeto: a autora percebe e faz questão da sua perspectiva, da sua experiência, do seu ponto de vista enquanto professora|mulher|negra, não basta autoria, não basta personagens femininas, é preciso ter a perspectiva do olhar e da sua experiência no mundo⁵⁸.

Minha escre-vivência vem do cotidiano dessa cidade que me acolhe há mais de vinte anos e das lembranças que ainda guardo de Minas. Vem dessa pele-memória-História passada presente e futura que existe em mim. Vem de uma teimosia, quase insana, de uma insistência que nos marca e que não nos deixa perecer, apesar de. Pois entre a dor, a dor e a dor, é ali que reside a esperança.⁵⁹

⁵⁶ ITAÚ CULTURAL, 2017.

⁵⁷ Mano a Mano, 2023.

⁵⁸ Ocupação Conceição Evaristo, c2016.

⁵⁹ Ocupação Conceição Evaristo, c2016.

Em 1995, no Seminário Mulher e Literatura, Conceição Evaristo propôs a noção de “escre-vivência”, que na época tinha ainda um hífen no nome, como um jogo de palavras entre “escrever” e “viver”, que a autora vinha experimentando já em sua dissertação de mestrado. “Eu tenho trabalhado com isso desde 1995, com a minha dissertação de mestrado, em que eu faço um jogo com as palavras: escrever, viver, se ver, escrever vivendo, escrever se vendo. Depois surge o termo ‘escrevivência’”⁶⁰.

Ainda que se trate de uma escrita que emerge da experiência, a própria autora ressalta que não se trata de um procedimento autobiográfico ou de uma escrita de si: a Escrevivência “carrega a vivência da coletividade”⁶¹. Lissandra Vieira Soares e Paula Sandrine Machado⁶² apontam que o jogo entre escrever e viver proposto por Evaristo abre espaço para uma operação criativa que se dá no espaço entre realidade e ficção. Para as autoras, Escreviver significa

contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas.⁶³

Ainda que a Escrevivência se refira, inicialmente, a modos de autoria literária, sobretudo de mulheres negras, Evaristo vê a possibilidade de “que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência.”⁶⁴

EXPERIMENTAR A ESCREVIVÊNCIA

Jogar no espaço entre.

Experimentar a Escrevivência como metodologia de pesquisa-criação feminista que ponha em jogo pesquisar, escrever e viver.

Escrevo sobre Tati pois, depois de conhecer sua história, já não pude mais deixar de contá-la. Mesmo não sendo eu a narradora ideal, mesmo se não for essa

⁶⁰ RIBEIRO, Pedro Nogueira; PITASSE, Mariana, 2018, n.p.

⁶¹ Ibid.

⁶² SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine, 2017.

⁶³ Ibid., p. 206.

⁶⁴ SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra, 2020, n.p.

dissertação o espaço adequado. É preciso falar sobre Tati. Torna-se impossível não falar sobre Tati, não apenas para conhecer e fazer conhecer sua história, mas para criar espaços de reflexão sobre os múltiplos personagens que compõem a narrativa e contribuem para seu direcionamento. O contar de uma história é também um deslocamento em direção a uma coletividade.

Escrevo sobre compartilhar a história de Tati com os estudantes, sobre suas sensações, sobre minhas sensações, sobre o que provoca. O contar de uma história é um jeito de provocar.

Escrevo sobre Maria, pois sua teimosia, sua desobediência, fortalecem minha crença nas juventudes e na escola, por mais conservadora e inóspita que possa ser, como espaço de transformação. Escrevo sobre Maria, pois sua resiliência e valentia me ajudam a esperar. O contar de uma história é também uma forma de arregimentar em si forças de resistência.

É nessa necessidade de contar que a pesquisa reemerge – porque também ali ela naufragou – como Escrivência permeada por minha experiência como professora-artista-pesquisadora-feminista. Reemerge como um relato fragmentário, um conjunto de cicatrizes, uma série de vestígios que reclamam atenção, que se impõem como narrativa. Não como autobiografia ou uma escrita de si – são sempre histórias de outras e com outras –, já que o eu que narra não é uma personagem principal, mas uma superfície, uma encruzilhada para onde as histórias convergem.

Pequenas histórias do que me toca e tentativas nem sempre exitosas de manter a esperança.

Uma professora da educação básica – lugar de produção de saber. Esse é um trabalho de pesquisa realizado por uma professora da educação básica em um programa de mestrado profissional, um trabalho que se faz do encontro semanal com 33 turmas, entrando e saindo de salas de aula, vendo gente pelos corredores, correndo, sempre correndo. "Não pode correr", dizem – em tom sempre alto demais – os monitores da disciplina, quisera poder seguir esse conselho. É desse correr que vem a potência desse trabalho e é também daí que vem o descompasso com o que se poderia esperar de uma dissertação, com a contenção e a proporcionalidade, do estar na linha de frente da educação, na sala de aula, do encontro com as juventudes, da disputa política diária. O estado da arte dessa pesquisa é o chão da escola.

CIRCUITOS

Historinhas eu tenho mil, poderia contar várias, mas não é isso que importa. Importa se ressoa, importa se te importa, se me exporta para ti, leitor, importa se me ouve, se me escuta, se move tuas batidas, se acelera, se retarda.⁶⁵

Sempre que ando pelos corredores da escola, aquele fluxo humano me impressiona. Parece, às vezes, com um formigueiro, uma multidão, aquela gente toda de um lado para o outro, caminhando ritmada, derrubando coisas, mochilas quase tão grandes quanto crianças, corpos chocando-se com outros corpos, percorrendo aquele mesmo circuito, com seus mesmos pontos definidos, mesmos sinais, mesmas partidas e chegadas.

Um circuito pode ser descrito como um percurso, um espaço limitado ou uma trajetória prevista, como em um circuito de corrida ou em um circuito elétrico.

Parece mesmo que existe uma certa eletricidade no ar. Parece mesmo que há uma energia fluindo com aqueles corpos por percursos definidos, que há interruptores e condutores, parece que saltam faíscas dos corpos em colisão, como se entrassem em curto.

Um curto-circuito ocorre quando uma corrente elétrica elevada flui por um caminho inesperado, levando todo o circuito a um superaquecimento e a uma falha.

Volta e meia, há falhas.

E, refletindo sobre os curtos-circuitos que inevitavelmente presencio, por vezes me pego seguindo os circuitos em reverso, tentando entender de onde vêm as faíscas que rebrilham. Não que esses circuitos sejam percursos lineares de causa e efeito, com acontecimentos sucessivos que se explicam sucessivamente. Não que esses circuitos não se cruzem, não se alimentem e confundam. Não que não haja gatos também.

Gato. Substantivo masculino. Nome dado ao pequeno mamífero da família dos felídeos, muito popular como animal doméstico. Gato de energia elétrica, gato de luz

⁶⁵ PASSÔ, 2012, p. 8.

ou para os mais próximos apenas gato. Gato – ligação elétrica clandestina. O gato tem origem marginal, sua existência ocorre à margem da instituição. Ligações secretas (por vezes arriscadas) que geram luz.

Aqui, tomo a imagem de circuito elétrico para mapear as diferentes camadas de acontecimentos na escola. As relações que transbordam os limites das escolas, os eventos que invadem a escola, a tensão constante de uma professora da educação básica em meio a um emaranhado de fios desencapados que precisam ser manipulados atentamente para que o fluxo da energia seja alargado, permitindo que novas possibilidades surjam e permaneçam, ultrapassando as barreiras visíveis e invisíveis da institucionalidade. Escapes de energia, geradores de pequenos curtos-circuitos, faíscas de eletricidade que provocam clarões.

Uma imagem: são 22 horas de uma noite nublada, faltou luz e você caminha em uma rua deserta quando ouve um barulho em um poste de luz, como um trovão, um curto-circuito, um barulho muito forte e um clarão, talvez a ordem não seja essa. Um gato passa correndo, um cachorro late ao fundo, uma voz fala de longe “vai pegar fogo”. A rua nunca esteve deserta.

Às vezes, os curtos-circuitos produzem clarões que ajudam a ver o que antes estava oculto.

CIRCUITO | LUTE COMO UMA GAROTA



Figura 1: Desenho feito por estudante do 5º ano do Ensino Fundamental I (Fonte: Arquivo pessoal da autora).

“

“

É pessoal. Não há dúvidas: é pessoal. O pessoal é estrutural. Aprendi que uma estrutura pode atingir você; você pode ser ferida por uma estrutura.

SARA AHMED⁶⁶

⁶⁶ AHMED, Sarah, 2022, p. 58.

O resgate aconteceu antes do amanhecer do dia 08 de março daquele ano. Fazia alguns meses, talvez anos, que ela estava lá, amassada, abandonada, esquecida, a última de uma pilha de outras como ela, todas pretas, o que facilitava o seu esquecimento. Trazia consigo uma longa trajetória, possível de ser percebida, desbotada que estava e com as cavas enrijecidas de camadas e mais camadas de desodorantes.

Essa não era a primeira vez que tinha sido esquecida, na verdade só estava lá por ter sido esquecida no passado e ter sido resgatada no passado. Poucas são as lembranças desse primeiro resgate. Surgiu assim, no meio de outras, misturada, provavelmente deixada na sala de uma oficina de teatro ou em um camarim após a apresentação de um espetáculo. Foi encontrada por alguém que sempre almejou ter uma como ela, mas nunca teve, aquelas coisas relativamente simples que queremos e que, por algum motivo, nunca compramos. Elas se encontraram. E naquele dia 8, ainda antes do amanhecer, ela foi resgatada do roupeiro da professora e vestida como uma armadura ou um outdoor ou uma bandeira. LUTE COMO UMA GAROTA. Em letras brancas garrafais. Aquele será um dia de inúmeros encontros, com aproximadamente trezentos e sessenta jovens e crianças, serão ao todo dez turmas em dois turnos. Às 7h10min da manhã, sol radiante, a professora de Artes atravessa a rua vestindo sua camiseta desbotada em direção à escola. Está empolgada, finalmente ela irá propor na escola uma aula que sempre quis ter e nunca teve em seu tempo de aluna. Na sua direção, surge um colega. **Professor (sorrindo):** *Essa camiseta vai te causar problema.* A professora, também sorrindo, responde afirmando que o dia 08 de março é Dia Internacional das Mulheres, data reconhecida pela ONU - Organização das Nações Unidas – e que as pautas da ONU são conteúdo do componente de Artes –, discurso que havia elaborado no caminho para a escola, caso fosse questionada. Algo que ela compreendeu após receber muitas negativas de suas proposições é que o currículo escolar está sempre em disputa internamente, por isso toda atividade, aula, projeto ou evento que tenha como objetivo contribuir para o combate ao sexismo estrutural e institucional deve estar embasado em determinações de outras instituições, como exemplo a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) ou o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Precisamos embasar o currículo nas instituições externas, já que a experiência cotidiana da escola com suas tensões não é suficiente para que alguns educadores se sensibilizem sobre a necessidade de tratar

esses temas com a comunidade escolar. É necessário se infiltrar na estrutura patriarcal, que é firme, dura e profunda. Estamos conseguindo, as rachaduras estão aparentes. Atenção! A demolição de uma estrutura de concreto é sempre muito barulhenta. Convém não tapar os ouvidos. Quanto tempo leva para desmoronar uma estrutura que não sabemos ao certo há quanto tempo existe? O barulho sempre existiu, às vezes suave, às vezes ensurdecedor, estamos escutando incessantemente. Quando alguém pergunta: vocês estão ouvindo esse barulho? Aquilo antes ignorado, como um grande pacto sigiloso e coletivo, torna-se tangível. Entrar em uma sala com uma camiseta que tem escrito “Lute como uma garota” é perguntar: vocês estão ouvindo esse barulho? Quando você expõe um problema, você cria um problema. Tornar-se o problema.⁶⁷ Naquele dia 08 de março, a professora de Artes torna-se o problema. Ela não é mais identificada como a professora de Artes, agora ela é a professora feminista. Cada fala, ação, movimento ou não movimento são justificados por ela ser feminista. O principal elemento utilizado para desmoralizar uma feminista, curiosamente, é acusá-la de ser feminista. A chata e infeliz que foi tocar no assunto do barulho que antes “não existia”, já que ninguém falava sobre o assunto. Nessa perspectiva, é como se a professora tivesse inventado algo que não existia e que, para algumas pessoas, continua não existindo. Como conversar com uma pessoa sobre algo que ela, com convicção, afirma que não existe? Regra número 1: só conseguimos combater o que existe. Regra número 2: para algumas pessoas, o que existe jamais existirá. Regra número 3: pessoas que não acreditam na existência do que existe devem ser combatidas. Regra número 4: o combate é lento, é doloroso, é diário. Regra número 5: combata suas estruturas internas. Regra número 6: mantenha o estado de atenção permanente. Regra número 7: invente possibilidades de martelar a estrutura, crie rachaduras, quebre as regras. Depois que uma rachadura começa, é impossível imaginar até onde ela vai. É um projeto individual e coletivo. Ao entrar na escola com a tal camiseta, a professora se torna o problema e, ao mesmo tempo, o meio transmissor de uma corrente eletrizante.

⁶⁷ AHMED, Sarah, 2022, p. 68.

CURTO-CIRCUITO

Uma feminista na escola. Troca de olhares. Depois que uma rachadura começa é impossível imaginar até onde ela vai. Muitas feministas na escola.

Em cada nova turma em que a professora entra surgem comentários sobre a camiseta. Um estranhamento com aquela frase que junta a palavra **Lute** com a palavra **Garota**. Talvez essas palavras pareçam não combinar. Ela encontra também olhos que brilham ao verem a camiseta, sorrisos de canto de boca e rompantes de alegria que vêm em sua direção e a abraçam. Um outro pacto silencioso. A descoberta de um lugar de acolhimento. Então, a professora pergunta: vocês sabem que dia é hoje? Poucas pessoas respondem que é o Dia Internacional das Mulheres e, as que respondem são meninas. Em seguida, pergunta: e sabem por que esse dia existe? Das dez turmas, apenas uma menina mencionou que o dia 08 de março estava relacionado a um incêndio em uma fábrica nos Estados Unidos.

Um salto no vazio

Uma camiseta. Um produto da indústria têxtil. Um incêndio em uma fábrica têxtil. Um dia, que poderia ser uma segunda-feira ou um domingo, poderia ser qualquer dia porque todos os dias eram iguais para as operárias, jovens imigrantes, que trabalhavam na fábrica *Triangle Shirtwaist Company em Nova York*, mas se sabe que era dia 25 março de 1911, um sábado. Por volta das 16h30min, no oitavo andar do prédio, chega ao fim a exaustiva jornada de trabalho de uma pessoa que se amontoava entre tecidos, máquinas e corpos cansados. Ela levanta da máquina, caminha alguns metros e acende um cigarro. A fumaça entra no seu corpo, se espalha pelo pulmão e sai. Inspira e expira. A fumaça é uma recompensa pelas horas massacrantes de trabalho. A fumaça é o melhor momento do dia. Acabou. Fim do expediente. Ela levanta, dá uma última tragada e joga a bituca do cigarro fora. Ali no cantinho. Mas em um lugar pequeno, amontoado de máquinas, tecido e corpos, não tem canto livre. Em alguns minutos, as chamas se espalharam pelos tecidos. A eletricidade precária e o chão de madeira contribuíram para que o fogo se alastrasse rapidamente. Curtos, clarões, fogo. As saídas de emergência eram poucas, o fogo era agressivo, a fumaça era densa. Desesperadas e sem alternativa, as jovens imigrantes trabalhadoras arriscam tudo. Som de vidro quebrando, em seguida, fumaça saindo

das janelas e volumes despencando. Eram os corpos das jovens que se jogavam no vazio em uma tentativa desesperada de salvar a própria vida. Corpos quebrados pela avenida. Ossos quebram. O sangue se espalha, se mistura. Um mar de sangue. "Habitou-se à morte como uma forma de vida".⁶⁸

O incêndio na fábrica têxtil gerou enorme comoção e muitos movimentos de resistência na época se organizaram e se fortaleceram na exigência de melhores condições de trabalho e do direito de voto, que foi uma reivindicação central para as distintas correntes que se formaram na mobilização das mulheres. O mar de sangue ergueu ainda mais a primeira onda feminista. Mas não se trata de um momento isolado, um incêndio, uma fábrica. O dia 08 de março não é uma resposta a um fato, mas um dia de luta feminista em resposta à opressão sistemática, estrutural, em fábricas, em casas, em escolas, em universidades. Ana Isabel Álvarez González, em seu livro "As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres"⁶⁹, reconstrói a historicidade dessa data, apontando não para um fato isolado que funcione como o embrião do dia que representa a luta das mulheres, e sim para alguns contextos. Uma das evidências apresentadas pela pesquisadora são os mitos que foram criados em torno do dia 8 de março, contribuindo para o apagamento de fatos importantes da luta de mulheres e de ações estratégicas dos movimentos feministas, como por exemplo estabelecer uma data internacional para articular ações simultâneas em defesa dos direitos das mulheres em vários países. Essa percepção histórica é fundamental para devolver às mulheres o protagonismo de ações políticas em defesa dos seus direitos, salientando os aspectos estratégicos, políticos e racionais das lutas feministas.

Não é difícil perceber os esforços de captura do dia 08 de março pela lógica do consumo e do individualismo, em tentativas de tornar essa uma data de celebração de um noção hegemônica de feminilidade pautada no cuidado, na dedicação, na maternidade e na capacidade de anular-se em prol de outra pessoa, o trabalho não remunerado executado por mulheres, o terceiro turno. O que essa captura opera é uma atenuação do potencial simbólico da data de produzir uma reflexão sobre o ser e estar mulher nessa sociedade, uma experiência atravessada pelas condições

⁶⁸ EVARISTO, Conceição, 2016, p. 36.

⁶⁹ GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez, 2010.

produzidas por um sistema de opressão que pode ser demarcado, como observa bell hooks, como Patriarcado - Supremacista Branco - Capitalista - Imperialista⁷⁰.

O rio encontrou o mar de sangue

Produtos da indústria têxtil. O rio Capibaribe, no agreste pernambucano, de um tempo para cá tem águas vermelhas. *Estranho muito estranho, nunca vi água mudar de cor*⁷¹, disse alguém. A vida na região atingida pela seca pede por água, mas água cor de sangue não é boa para nada que tenha vida, nem para o rio que lança seus últimos suspiros em busca de oxigênio. Tubos enormes jorram um líquido vermelho cor clandestinamente nas águas que outrora amenizavam os tempos de seca. Degradando vidas, aquáticas e terrestres, as fábricas têxteis continuam infringindo leis ambientais e explorando trabalhadoras. Assim como no início do século XX, ainda nos dias atuais, as mulheres, jovens e imigrantes são as principais vítimas da exploração do trabalho na indústria têxtil. O trabalho análogo ao de pessoas escravizadas no setor têxtil, envolve tráfico humano, jornadas exaustivas, ambientes de trabalho insalubres e condições degradantes.

Uma jovem venezuelana atravessa a fronteira para o Brasil, grávida de 5 meses. Ela agradece a Maria, mãe do menino Jesus, pelo emprego que logo conseguiu. Carteira assinada? Não nos primeiros meses, mas assim que entregar a primeira produção. Alimentação e moradia no local. Ela planeja onde o bercinho do bebê vai ficar. Tecidos e mais tecidos, um emaranhado preto que nunca acaba. Assim como a Penélope grega, com sua interminável tarefa, quanto mais ela costura, mas precisa costurar. Ao contrário de Penélope, no entanto, a espera da jovem venezuelana está chegando ao fim. Nove meses. Começa a contagem regressiva. Espaço pequeno, abafado, ela sente dor, já não sabe a causa, se é por costurar dezesseis horas por dia, se é pela sua fome e pela fome daquele que está dentro dela ou se porque aquele que está dentro dela quer sair. *Tá com sede? Engole a saliva*. Toda segunda-feira – que poderia ser sexta, sábado ou domingo os dias são iguais – é dia de entregar a produção da semana, uma montanha de camisetas pretas com a frase LUTE COMO UMA GAROTA escrita em letras garrafais.

⁷⁰ HOOKS, bell, 2020b.

⁷¹ G1, 2017.

GATO

Uma garotinha entrega uma carta para a professora de Artes no final da aula. Na carta, um desenho da professora vestindo uma camiseta preta com a frase **LUTE COMO UMA MULHER** escrita no peito.

CIRCUITO | UMA MENINA OBSTINADA



Figura 2: Presente recebido de duas estudantes do 7º ano do Ensino Médio, no Dia Internacional da Mulher, em 08 de março de 2023 (Fonte: Arquivo pessoal da autora).

“

Uma feminista não lhe empresta a mão; ela também cerra o punho. O punho cerrado contido dentro do símbolo do feminino é uma imagem fundamental do movimento de libertação das mulheres. O punho cerrado é um protesto contra o signo *mulher* (por estar no signo *mulher*), assim como uma resignificação das mãos do feminismo como mãos que protestam. As mãos feministas não são mãos servis, pois não ajudam as mulheres a servir. Quando uma mão se cerra como punho feminista, ela é uma mão em movimento.

SARA AHMED⁷²

⁷² AHMED, Sarah, 2022, p. 144.

Março de 2023. Entro na sala de aula do 7º ano, duas alunas vêm em minha direção com um envelope pardo cheio de colagens de imagens em preto e branco, entre elas o símbolo do feminismo. Punho cerrado. Dentro do envelope havia uma caixa de incenso, um cartão, uma carta e um objeto de decoração para colocar na parede: uma placa de rua com o nome Marielle Franco⁷³, um símbolo de luta assim como todas as imagens escolhidas para colar no envelope. Um presente de duas meninas para a professora.

Sara Ahmed, no livro “Viver uma vida feminista”, Parte 1 “Tornar-se feminista”, título Reivindicando a obstinação, página 139, diz:

Talvez você tenha que se tornar aquilo que julgam que você seja. Você pode ter que se tornar aquilo que julgam que você seja para sobreviver àquilo que julgam que você seja. [...] As conexões amorosas são conexões cheias de vitalidade, cheias de eletricidade. Pode ser que você receba uma carga por conta da proximidade com outras que receberam essa carga.⁷⁴

Luiza é uma das alunas que me presenteou no mês do Dia Internacional das Mulheres. É uma aluna que fala pouco, quase nada, é difícil ouvir sua voz. Poucas palavras, mas sempre atenta, olhos grandes, arregalados, que sempre acompanham o meu movimento na sala de aula. Luiza é minha aluna há um ano, mas eu não sabia que a Luiza era a Luiza – é difícil saber quem são todas as alunas e alunos quando são mais de mil. Até que em um dia comum, em uma aula comum, algo incomum aconteceu.

Segunda-feira, 5º período, dia de trabalho avaliativo. Entro na turma do 6º ano, peço que guardem os materiais, que sejam rápidos e silenciosos. Nos corredores, os monitores nos vigiam. Ufa! Chegamos na sala de arte. Começo a organizar a apresentação do trabalho avaliativo. Olho o relógio, restam 40 minutos para o fim da aula. Aproximam-se cinco meninas, entre elas Luíza. Enquanto sigo arrumando materiais, ouço suas vozes simultâneas e indignadas relatando um acontecimento: uma colega bateu em um colega, porque esse colega chamou a colega de "puta e

⁷³ No site do Instituto Marielle Franco, é apresentada a seguinte biografia: "Marielle Franco é mulher, negra, mãe, filha, irmã, esposa e cria da favela da Maré. Socióloga com mestrado em Administração Pública. Foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro, com 46.502 votos. Foi também Presidente da Comissão da Mulher da Câmara. No dia 14/03/2018 foi assassinada em um atentado ao carro onde estava. 13 Tiros atingiram o veículo, matando também o motorista Anderson Pedro Gomes. Quem mandou matar Marielle mal podia imaginar que ela era semente, e que milhões de Marielles em todo mundo se levantaram no dia seguinte". (Instituto Marielle Franco, 2023)

⁷⁴ AHMED, Sarah, 2022, p. 139.

vagabunda", que com frequência elas são chamadas assim pelos meninos e que a professora presente em sala quando do acontecido não fez "nada". Em uma fração de segundos, elaboro uma abordagem para tratar o assunto.

Em um impulso, peço ao menino que estava envolvido na situação para sentar perto da minha mesa. Solicito a atenção da turma e digo que antes de começar o trabalho avaliativo precisamos conversar sobre um assunto que diz respeito a viver em sociedade. Começo dizendo que todas e todos fazemos parte de uma mesma sociedade, do mesmo país e que nesse país existem leis e que essas leis apontam para o que podemos e o que não podemos fazer como integrantes dessa sociedade, e que, às vezes, fazemos coisas que, não sabemos, mas são contra as leis, coisas que não podemos fazer, não devemos fazer. Por exemplo: os crimes de injúria e difamação. Dizer que uma pessoa é algo que ela não é ou dizer que uma pessoa fez algo que não tenha feito é crime. Também existem os crimes de violências físicas, não podemos violentar uma pessoa fisicamente: bater, beliscar, empurrar, chutar, puxar o cabelo, entre outros. Ninguém pode encostar no nosso corpo ou ninguém pode encostar no corpo de ninguém sem a devida anuência.

Finalizo a fala improvisada e pergunto se alguém quer dizer alguma coisa. Diferentes relatos vêm à tona, ouço todos, mas não posso dar continuidade à conversa por estar extremamente preocupada com o tempo de aula que ainda resta. Parto, já apressada, para as orientações sobre o trabalho avaliativo, Luiza se aproxima novamente de minha mesa e conta que, enquanto conversávamos, dois alunos que também com frequência ofendem verbalmente as meninas disseram que a outra aluna era realmente uma "puta e vagabunda" e que, por causa dela, eles estavam tendo que ouvir tudo aquilo. No final da aula, após a realização do trabalho avaliativo, encaminho os três alunos envolvidos nas agressões para a coordenação para uma conversa sobre o ocorrido.

CURTO-CIRCUITO

Dia seguinte, terça-feira, saída de campo com o 1º ano do Ensino Médio, Museu Iberê Camargo. Aparentemente, um ótimo dia para a professora de Artes. Mas não. Conforme passavam os minutos, o dia tornou-se cada vez mais insuportavelmente desconfortável. Semanas antes, um colega professor havia me assediado sexualmente: uma sequência de mensagens de cunho sexual, em seguida uma sequência de mensagens de desculpas e, por fim, uma sequência de mensagem de cunho sexual. Esse professor, que eu só denunciaria muito tempo depois, estaria também na saída de campo. Insuportavelmente desconfortável. Chego à escola e vou até à sala da coordenação pegar os documentos para a saída de campo, ouço vozes altíssimas vindo da sala da direção. Uma mãe, um pai, um aluno, a direção. A voz altíssima da mãe grita que a professora de Artes é uma feminista, uma comunista e que humilhou o filho dela na frente da turma toda, que a professora de Artes persegue o filho dela, e que ele não quer mais ir para a escola por causa da professora de Artes, e que eles esperam que a escola tome alguma atitude. Fico atônita, com os documentos na mão, parada.

A coordenação diz que, provavelmente, a direção vai falar comigo na volta do museu. São 7h30min da manhã. Respiro fundo, saio da sala como se nada tivesse acontecido, sorrio para as 60 pessoas extremamente felizes com a primeira saída de campo após o retorno das aulas presenciais. Aquela manhã no museu entre fugas do professor assediador e respirações profundas para manter uma tranquilidade aparente, finalmente acaba. De volta à escola, diretamente para a sala da direção. É a segunda vez que entro ali, a primeira foi quando me contrataram. A direção começa com: “Eu gostaria que você me contasse o que aconteceu na última aula do 6º ano”. Apenas começo e meu relato é interrompido. Um sequência de frases informa, veementemente, que: eu não deveria ter agido daquela maneira, que não tive uma atitude esperada para uma professora, que eu desconheço as relações que existem na turma, que o esperado é que eu utilize do meu período de Artes para trabalhar o conteúdo do livro de Artes, e que assuntos relacionados às relações entre os alunos da turma eram tratados com o setor de disciplina e o SOE (Serviço de Orientação Educacional); depois, em tom paternalista, quase manso, que fui ingênua pela minha falta de experiência, que as alunas tinham me utilizado para prejudicar o colega, que

aquela turma tinha muitos problemas, (abandonando a quase-mansidão) que eu não tinha dimensão do que acontecia, porque não faz parte do meu trabalho saber o que acontece com a turma, que os setores responsáveis estão acompanhando os movimentos da turma. A direção finaliza dizendo que, se há espaço na aula para tratar sobre relações interpessoais, significa que não estou valorizando o conteúdo de meu componente curricular. Pergunto o que devo fazer quando uma aluna ou um aluno relatar um caso de violência física ou verbal. Sou informada de que, a não ser que tenha testemunhado a agressão, não devo fazer nada, porque pode ser mentira. Pergunto: “e se não for mentira?” Sou informada de que minha atitude sobre algo que eu não podia ter certeza de que tinha acontecido fez com que o aluno não quisesse mais frequentar a escola, que a demanda de reverter essa situação era, agora, da direção e que eu, então, precisava ter responsabilidade nas minhas falas e atitudes na sala de aula. Quase mansamente, outra vez: que na dúvida é sempre melhor não se expor, que uma professora precisa se proteger na sala de aula. Muito foi dito, a conversa foi longa, dura e difícil.

Saio da sala, derrotada. Faltam alguns minutos para começar o próximo turno, sem almoço e sem conseguir parar de chorar. Entro no banheiro da sala das professoras, que fica ao lado da sala da direção e na frente da sala da coordenação, tranco a porta. Lavo o rosto, tento me concentrar em minha respiração para estancar o choro. Uma enorme vergonha se instala em mim, como se a escola toda soubesse que a professora de Artes está trancada no banheiro, chorando. Tento não fazer barulho, mas a falta de ar, a tremedeira e o desconforto não são discretos. Perto do sinal para o turno da tarde, saio do banheiro e vou direto para a sala de Artes. Naquela tarde sem fim, as crianças, as professoras, a tia da cantina, todo mundo nota que alguma coisa aconteceu. E a cada “tá tudo bem contigo?”, meus olhos enchem de lágrimas. Não conto para ninguém, estratégia para não chorar ainda mais. As crianças sabem quando a professora não está bem, elas acolhem, abraçam, beijam, fazem cartas, desenhos, olham com um olhar apreensivo e triste. Elas ficam tristes de te verem triste. E todas as turmas naquela tarde foram muito silenciosas. Como se um acordo invisível vigorasse naquele espaço. Final da tarde. Atravesso o portão da escola como se deixasse um campo de batalha para trás. Perdi. Sobrevivi.

No caminho de volta para a casa, planejo um plano de fuga. Choro e faço cálculos...choro e reafirmo minha posição... choro e olho a cidade, as pessoas. Está

tudo errado. Será que ninguém está vendo? Um choro contínuo, incontrolável. Penso que preciso parar, que não posso permitir que aquilo me afete tanto. Então, choro pela incapacidade de não poder chorar. Um composto de raiva, revolta e desespero. Quando o patriarcado se materializa, se ergue grande, forte, implacável, sem máscara, sem meias palavras, sem constrangimento, um cheiro invade as vias respiratórias. O patriarcado fede, terrivelmente. O patriarcado é um tirano cínico e fedorento. O fedor oprime, sufoca, apaga, esmaga. Os olhos ardem com o cheiro, as lágrimas transvazam. O choro é uma reação, o corpo não suporta aquele cheiro.

Em casa. Tomar banho. Dormir. Sem conversar, sem comer, apenas dormir e esquecer aquele dia.

alerta
uma mensagem no Instagram
uma pessoa que não conheço

GATO

Uma mensagem:

Amanda: *Oi Guega, tudo bem? Desculpa a invasão aqui no teu Instagram particular, sou Amanda mãe da Luiza tua aluna do 6º ano. Queria te agradecer e te parabenizar pela fala que fizeste na turma dela! Luiza me contou! Foste maravilhosa! Por mais respeito, e amor nesse mundo! Fico feliz que minha filha tenha uma professora como tu na trajetória de vida dela! Um grande beijo! Amanda.*⁷⁵

Leio a mensagem, releio, desconfio, chego a pensar que é uma espécie de armadilha. Ainda desconfiada, respondo agradecendo a mensagem e dizendo que é importante naquele momento saber que a Luiza e a mãe compreenderam a intenção da fala durante a aula. Digo que a fala não foi bem recebida por uma família, que foi até a escola e solicitou uma reunião com a direção para expor seu incômodo e que, por isso, tive que prestar esclarecimentos para a direção. Amanda se mostra muito

⁷⁵ As mensagens citadas foram enviadas via Instagram em março de 2023, pela mãe de Luiza, que chamarei de Amanda.

impressionada com a informação e diz que faz parte de um grupo de WhatsApp de mães da turma, todas mulheres progressistas, e que entende que a escola é um espaço para o debate e reflexões sobre todos os assuntos que atravessam a turma e que elas andam bastante preocupadas com os atos de violência frequentes na escola, mas ficaram muito felizes em saber que uma professora tinha conversado com a turma sobre o assunto.

Amanda continua contando que ela e seu marido estiveram na escola semana anterior, conversando com a coordenação sobre a Luiza ter sido retirada da sala de aula e encaminhada para a coordenação por ter dito durante uma aula que não concordava com machismo.

Amanda: *Não vão calar nossa filha. Criamos a Luiza para ser livre, se expressar, amar e ser do bem. E continuou: As notas pouco me importam. E eu acho que a escola, deveria ter um papel importante na formação deles, além dos conteúdos. Me decepcionei. Pensei mil vezes se deveria vir falar contigo, mas vejo que somos minoria e precisamos nos acolher e nos fortalecer.*

Agradeço mais uma vez a mensagem e digo que aquele dia me fez perceber que não vou ter o perfil adequado de professora para a escola e que pretendo conversar com a coordenação sobre isso. Ter recebido aquela mensagem reafirmou a minha certeza de que não sou uma professora inadequada, apenas estou no lugar errado. Amanda expõe a importância da minha presença na escola e reafirma que existem famílias que vão me defender. Começo a receber mensagens de outras mães no Instagram.

“Não é de admirar que o feminismo cause medo; juntas, somos perigosas”⁷⁶

No dia seguinte, acordo e respiro, aquele cheiro não está mais em mim. Passo batom vermelho, um dos símbolos dos movimentos sufragistas. Chego na escola, provavelmente ninguém reconhece meu protesto explícito no batom. Final da manhã, horário de almoço, sou chamada na sala da coordenação. A coordenação quer saber como foi a reunião com a direção. Começo a contar, tentando não chorar, não consigo, a coordenação pergunta se eu chorei na sala da direção, digo que sim, nunca mais

⁷⁶ AHMED, Sarah, 2022, p. 40.

chore na sala da direção, lá é preciso ser forte, segura e confiante. Anuncio meu pedido de demissão. A coordenação nega.

Semana seguinte. O 6º ano tem outra saída de campo, dessa vez o destino é a cidade de Gramado, a cerca de 2h de viagem de Porto Alegre. Final da manhã, estou saindo da escola.

**alerta
uma mensagem no Instagram
duas mensagem no Instagram
três mensagem no Instagram
quatro mensagem no Instagram
várias
mensagens
no
Instagram**

Abro uma das inúmeras mensagens que recebi. Nela, Luiza conta que algumas colegas foram assediadas durante a saída de campo por uma pessoa vestida de pirata que tirava fotos com turistas. Ele aproveitava o momento da foto para tocar os corpos e falar coisas inapropriadas, que, quando estava a caminho do ônibus para retornar a Porto Alegre, uma colega chorou e contou o que aconteceu, ao que outras colegas começaram a chorar, dizendo terem passado pela mesma situação. As meninas teriam ido até uma monitora e uma professora da escola e relataram o que havia acontecido, sendo acolhidas e orientadas a irem para o ônibus, ouvindo que, em Porto Alegre, as medidas necessárias seriam tomadas. Luiza conta que viu de longe dois policiais, correu até eles e denunciou o crime ocorrido.

Homem é preso por suspeita de estupro contra seis crianças em Gramado; polícia diz que ele era investigado em outros dois casos⁷⁷

Não conseguiram calar a Luiza. A menina obstinada conhece as leis do seu país e sabe identificar um crime. O homem de 49 anos foi preso em flagrante. Segundo o delegado da Polícia Civil Gustavo Barcellos, em razão dos atos terem sido cometidos em menores entre 11 e 12 anos, a polícia determinou a atuação do criminoso por estupro de vulneráveis por compreender que os fatos são extremamente graves e ultrapassam uma mera importunação sexual. Assim, pela tipificação dos fatos, o criminoso foi encaminhado ao sistema prisional.

No dia seguinte na escola: silêncio.

Vou até à sala da coordenação, peço permissão para conversar com a turma para acolher as alunas, conto que alunas e famílias estão entrando em contato comigo, que estão pedindo que eu converse com as alunas. Proponho a construção de um projeto com o SOE da escola, digo que posso encontrar as meninas em horários alternativos, falo sobre muitas possibilidades, trago informações sobre outras escolas, conto sobre minha oficina de teatro, sobre o dia da roda onde muitas alunas relataram terem sido vítimas de assédio sexual, argumento sobre a possibilidade da arte e da criação contribuírem em processo de cura. Coloco-me à disposição para ajudar as meninas e a escola a lidar com esse momento. Saio da sala com a informação de que a escola ainda estava estudando o que seria feito.

E nada.

Sem projeto, sem nota de esclarecimento, sem informação para o corpo docente sobre o ocorrido. A escola segue seu fluxo. Todas as informações a que tenho acesso sobre o que aconteceu chegam por mensagens no Instagram. Pergunto às professoras que acompanharam a saída de campo se estão bem e me coloco à disposição para conversar. Respostas curtas, silêncio.

⁷⁷ G1, 2022.

Dia seguinte, ainda sem manifestação oficial, sem o retorno da minha fala com a coordenação e percebendo a urgência de uma ação, respiro fundo e entro na sala da direção. Reforço tudo que já tinha dito para a coordenação. A direção diz que vai pessoalmente conversar com a turma sobre o que aconteceu por perceber que as famílias estão solicitando um posicionamento da escola. A direção propõe que a conversa ocorra durante minha aula por perceber a relação de confiança que a turma tem comigo. Concordo.

Encontro uma das meninas no corredor, ela me abraça e chora.

Dia seguinte, sala de aula, a turma reunida. Entram na sala a direção e a monitora que acompanhou as meninas na delegacia durante a denúncia. A direção se posiciona à frente e começa sua fala: *aquilo não é um humano é um monstro, é uma pessoa doente*. Falas que reforçam estereótipos e desumanizam o agressor, o que não contribui em nada para o combate às violências contra as mulheres. Eu olho para a turma, Luiza olha para mim. Eu tento, com esforço, manter a neutralidade, não concordo com as falas, mas também não acho adequado demonstrar minha insatisfação enquanto a direção fala. Permaneço em silêncio esperando meu momento de falar. Pensava na necessidade de acolher aquelas pessoas de 11, 12 anos, assustadas com o que aconteceu. Queria que se sentissem protegidas, ouvidas e acolhidas e, posteriormente, encaminhar uma conversa reflexiva sobre os temas atravessadores da experiência coletiva que a turma teve. Olho a turma, olho o relógio, olho para a direção e a direção não me olha. Durante toda a fala, a direção não olha para mim, não olha para ninguém. Um cheiro começa a se espalhar, mas dessa vez tranco a respiração. Outras aulas virão. Longe de estar satisfeita, mas entendendo que precisamos ser estratégicas e celebrar cada conquista, celebro a coragem de Luiza. Avançamos. "A mera persistência pode ser um ato de desobediência. Então: você tem que persistir em ser desobediente. Então: existir é desobediente"⁷⁸. Menina teimosa, rebelde, indisciplinada, obstinada não se cala. O corpo de Luiza é livre, ou deveria ser, e ela sabe disso. Corpo teimoso, mão em movimento, um punho erguido com a mão cerrada.

⁷⁸ AHMED, Sarah, 2022, p. 142.

CIRCUITO | CARTAS

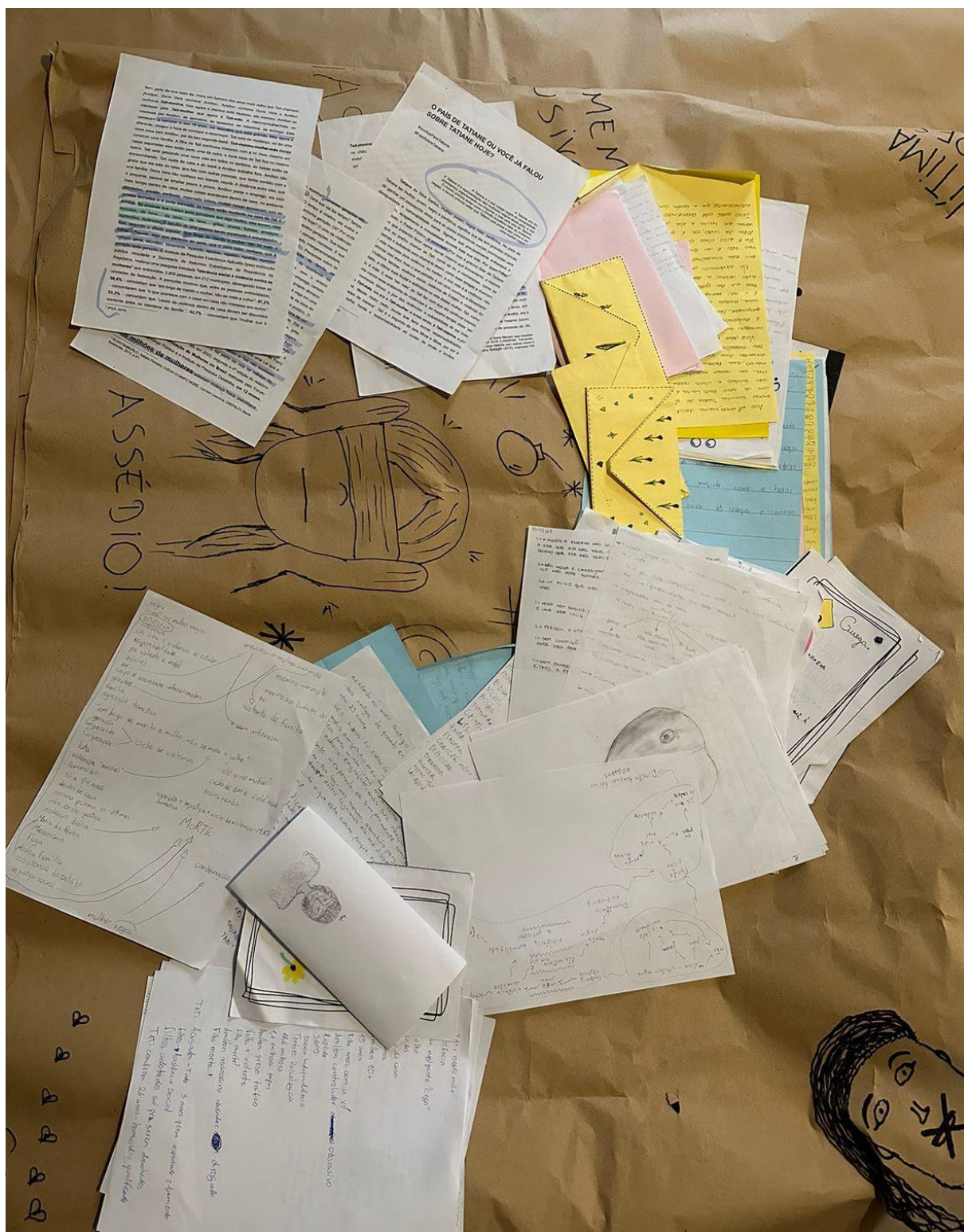


Figura 3: Materiais produzidos por estudantes de 2º ano do Ensino Médio nos encontros do componente curricular Projeto de Vida (Fonte: Arquivo pessoal da autora).

“

Quando nos aventuramos pelos tortuosos caminhos de pesquisar com o cotidiano e não sobre ele, enfrentamos encruzilhadas, algumas armadilhas e certos desafios. Negamos a 'coisificação' que transforma os sujeitos em objetos e a arrogância que transforma o pesquisador em soberano defensor do estatuto da verdade produzida por uma realidade única e inexorável nos obriga a enfrentar que mergulhamos em um rio de águas profundas, sem saber exatamente o que esperar do que vamos encontrar. As águas são turvas, as correntezas imprevisíveis e as certezas que usamos como salvavidas, muitas vezes, não nos salvam; ao contrário, algumas vezes até nos arrastam para o fundo. Não há dúvidas: é pessoal. O pessoal é estrutural. Aprendi que uma estrutura pode atingir você; você pode ser ferida por uma estrutura.

ANDRÉA SERPA⁷⁹

⁷⁹ SERPA, Andréa, 2018, p. 93.

Um antes.

Setembro de 2022, qualificação dessa pesquisa. A banca sugere a leitura da história de Tatiane da Silva Santos – narrada no início dessa pesquisa – para um grupo de estudantes da escola onde estou como professora de Artes, por compreender a potencialidade dessa narrativa como disparador para introduzir a temática das violências contra as mulheres e seus atravessamentos. Compartilho ter refletido algumas vezes sobre a possibilidade da leitura como procedimento da pesquisa, mas que não percebo uma receptividade da escola para trabalhar a temática de forma efetiva, por já ter proposto diferentes ações e os retornos sempre terem sido restritivos, e que ainda está no meu radar esse procedimento e que me mantereí atenta para possíveis frestas.

Outro antes.

Janeiro de 2023, férias escolares. Em casa, na frente do computador, entre os livros e xícaras de café, construindo partes dessa pesquisa que é uma escrita recortada, uma ressonância do meu habitar a escola como mulher/artista/professora/pesquisadora.

alerta
uma mensagem no WhatsApp
a coordenação

Uma coisa que sabemos assim que entramos nesse tráfego da docência em escolas particulares é que, se a escola entra em contato durante as férias, provavelmente é um anúncio de demissão.

A mensagem:

Coordenação: *Olá. Tudo bem? Onde você anda? Poderia ir na escola amanhã pelas 11h falar com a direção? Boa notícia.*

Na escola, a coordenação adianta o assunto: a direção me convidaria para atuar no Itinerário Formativo Integrado de Projeto de Vida para o 2º ano do Ensino Médio. Um emaranhado de fios se conecta em minha cabeça reconstruindo uma

imagem: a última aula com a turma 1º ano do Ensino Médio – na escola, a partir do 2º ano do Ensino Médio, o componente de artes não é ofertado –, entre abraços de despedida, alguém conta sobre um abaixo-assinado pedindo à direção que o componente de artes fosse incluído no currículo do 2º ano do Ensino Médio.

A coordenação aconselha a não aceitar de imediato a proposta, a dizer que iria estudar, pensar a respeito e retornar posteriormente, por já ter 33 turmas, mestrado e as aulas de teatro.

Entro na sala, o convite é feito. A direção garante total liberdade de planejamento, espaço para experimentar novos procedimentos sem o compromisso com um conteúdo preestabelecido, provas e trabalhos avaliativos, tendo como único objetivo articular uma contribuição consistente para a escolha dos jovens referente a suas trajetórias profissionais. Sou fisgada pela possibilidade de liberdade. Sem livro, sem conteúdo preestabelecido e sem prova. Aquilo me empolga, me entusiasma e se torna irrecusável. Sim!

Mesa de negociação

Professora: *Preciso de equipamento: caixa de som, projetor e um computador, tudo em bom estado e funcionando.* **Direção:** *Ok. A aula vai ser no sexto período, o mais difícil de ser trabalho.* **Professora:** *Ok. Preciso de uma sala para aulas de práticas corporais.* **Direção:** *Ok. Um planejamento completo com as propostas que serão trabalhadas no 1º e 2º bimestre deste ano até o início das aulas.* **Professora:** *Ok. Uma lista de compras com todos os materiais que vou precisar para as aulas de artes e projeto de vida e melhorias que devem ser feitas na sala de artes.* **Direção:** *Ok.*

Aperto de mão.

Choque elétrico

Os choques elétricos mais prováveis são aqueles que circulam da palma de uma das mãos à palma da outra mão, quando mãos de indivíduos opostos entram em atrito ocorre um choque que produz uma nova passagem para a potência elétrica contida em uma das mãos possibilitando o encontro de novos receptores. A história da Tati é uma potência elétrica que está correndo em fluxo contínuo prestes a encontrar novos receptores.

A caminho de casa os fios se conectam e um planejamento se constrói a partir da história de Tati, a estratégia é trabalhar histórias de vida contadas de diferentes formas: músicas, dramaturgias, oralidade, cartas, filmes, entre outras. Desenho todo o primeiro bimestre com o objetivo de chegar à história de Tati no mês de março.

Fim das férias. Apresento à direção o planejamento do bimestre tendo como linha condutora a aproximação com diferentes profissões a partir da perspectiva de histórias de vidas. Proponho para as quatro aulas do mês de março procedimentos a partir de histórias de vida de mulheres, argumento sobre a Lei n.º 14.164, – mencionada anteriormente nessa escrita – que, entre outras orientações, institui a Semana Escolar de Combate à Violência Contra a Mulher a ser realizada anualmente, no mês de março, em todas as instituições públicas e privadas de ensino da educação básica. No planejamento, na segunda aula do mês de março, está a leitura da história de Tati. Informo à direção que é um procedimento que faz parte dessa pesquisa de mestrado. Improviso uma versão da história, enfatizando todas as profissões envolvidas na narrativa. A direção solicita o texto impresso para ler antes que seja trabalhado com a turma.

Saio da sala...

biblioteca...

notebook...

Google Drive...

mestrado...

projeto de dissertação...

versão final...

O país de Tati ou Você já falou de Tati hoje?

Clarão! Meus olhos se arregalam. Um estado de atenção que me impede de mover o mouse levando a seta até o canto esquerdo da tela para clicar no pequeno desenho de uma impressora. Um deslocamento de si. Releio o que escrevi a partir de outra perspectiva: a de uma pessoa|branca|heterossexual em uma esquina qualquer em pé vestindo uma camiseta com a foto de um homem|branco|heterossexual nas cores verde e amarelo em outubro de 2018. bell hooks sussurra *precisamos ser estratégicas*. Faço uma cópia do arquivo, altero palavras, apago frases, parágrafos, tecla Ctrl + F, busco pelo nome "Luiz", 2 citações, apago a primeira, apago a segunda,

busco pelo nome "Dilma", 1 citação, não consigo apagar. bell hooks sussurra novamente. Nova estratégia.

Bato na porta, peço licença, coloco na mesa a versão original da escrita. A direção pega o texto, lê o título, solta uma risada e pergunta: **Direção:** *O país de Tati é nosso ou é o país das maravilhas da Alice?* Ergo as sobrancelhas, solto uma risada cínica e respondo com uma pergunta seguida de uma afirmação: **Professora:** *E o nosso país não é tão ou mais nonsense do que o de Alice? Os dois países produziram histórias difíceis de acreditar. A história da Tati é uma dessas histórias inacreditáveis produzidas em nosso país.*

Os acontecimentos desse circuito têm lugar em uma sala de aula do 2º ano do Ensino Médio, durante os períodos reservados para o Projeto de Vida.

Primeira aula do mês de março, dia 7, um dia antes do Dia Internacional das Mulheres. A proposta da aula é a escrita de uma carta para uma mulher admirável profissionalmente. Conversamos coletivamente sobre mulheres que fazem parte do nosso cotidiano e que são inspiradoras por sua trajetória profissional, entrego para a turma um cartão. Na parte de fora, na frente, há o desenho de uma moldura para ser preenchida livremente com colagem, pintura, desenho, foto, etc.. Dentro, de um lado, está escrito: *Você é uma mulher incrível! Jamais esqueça disso, combinado?* E do outro lado, há um espaço em branco destinado à escrita de uma carta. Na parte de trás do cartão, está escrito *8 de março é o Dia Internacional das Mulheres.* A turma começa a escrita individual das cartas que serão entregues no dia seguinte para as mulheres escolhidas. Acendo um incenso de Massala NAG CHAMPA (rituais são importantes em sala de aula), e coloco para tocar a *playlist* que criei especialmente para o mês de março. Primeira música: "Mulheres do Brasil" interpretada por Maria Bethânia.

No tempo em que a maçã foi inventada
Antes da pólvora, da roda e do jornal
A mulher passou a ser culpada
Pelos deslizes do pecado original
Guardiã de todas as virtudes
Santas e megeras, pecadoras e donzelas
Filhas de Maria ou deusas lá de Hollywood
São irmãs porque a mãe natureza fez todas tão belas, tão belas
Oh, mãe, oh, mãe, oh, mãe
Nossa mãe, abre teu colo generoso
Parir, gerar, criar e provar

Nosso destino valoroso
São donas-de-casa, professoras, bailarinas
Moças operárias, prostitutas, meninas
Lá do breu das brumas, vem chegando a bandeira
Saúda o povo e pede passagem, a mulher brasileira
Oh, mãe, oh, mãe, oh, mãe
Nossa mãe, abre o teu colo generoso
Parir, gerar, criar e provar
Nosso destino valoroso
São donas-de-casa, professoras, bailarinas
Moças operárias, prostitutas, meninas
Lá do breu das brumas, vem chegando a bandeira
Saúda o povo e pede passagem, a mulher brasileira
Lá do breu das brumas, vem chegando a bandeira
Saúda o povo e pede passagem, a mulher brasileira.⁸⁰

Semana seguinte. Entro na sala com o texto, folhas, canetas e um gravador. É a segunda aula do mês de março, dia da leitura da história de Tati. Quando fecho a porta, surge no vidro o rosto da coordenação para acompanhar a aula. A presença dela não me perturba, estou segura para o momento, foram meses pensando sobre a proposta, mas tenho receio de que aquilo retraia a turma.

Peço que a turma organize a classe em forma de círculo. Convido a coordenação para fazer parte do círculo. Pergunto se estão bem, se alguém quer compartilhar alguma coisa, algumas falas enquanto eu distribuo folhas brancas e canetas.

O convite:

Professora: *Tenho aqui um artigo que conta a história de uma mulher, é uma história muito potente e arrebatadora. Essa história pode gerar algum tipo de gatilho, por ser uma trajetória de vida atravessada pela violência. Eu trouxe essa história porque acho importante conhecer histórias de vida que estão distantes do nosso cotidiano. Na história de vida de hoje é possível identificar como profissionais de diferentes áreas interferiram diretamente e é possível perceber quais foram as ações e interpretações dessas pessoas para os fatos. Porque uma mesma história pode ser interpretada por diferentes perspectivas. Então, o convite para o nosso encontro de hoje é que eu leia toda a história sem interrupções. Durante a leitura, a folha que está na frente de vocês pode ser utilizada para anotações em fluxo de pensamento. Além disso, durante a leitura, vocês podem solicitar o destaque de alguma parte do texto*

⁸⁰ MORENO, Joyce, 1988, n.p.

com a frase “sublinha essa parte” e eu vou sublinhar com caneta marca texto. Nosso tempo é curto, então, na semana que vem, faremos uma reflexão sobre essa história de vida, utilizando os materiais que vamos produzir hoje e a gravação em áudio de nossa conversa. Caso alguém sinta a necessidade de sair da sala durante a leitura ou não se sinta confortável, pode me avisar.

Convite aceito. Gravador ativado. Começa a leitura.

Tento ler de forma neutra, tento não demonstrar nenhuma interpretação, tento não enfatizar nenhuma palavra. Leio devagar, acompanhando as expressões de cada pessoa na sala. Por conhecer o texto muito bem, tenho-o quase que decorado. Percebo o estado de tensão, olhos arregalados, testa franzida, lágrimas, respiração pesada, nenhum barulho, nenhum movimento. Diminuo o volume da voz, ela ecoa. Naturalmente, vou reconstruindo a escrita, desfaço, sobreponho, pulo, troco palavras, elimino detalhes, acrescento explicações como se estivesse lendo. É como se a atriz reivindicasse espaço ali, ao lado da professora-pesquisadora, operando o tempo e o espaço, compondo, reescrevendo a partir da oralidade e das respirações compartilhadas daquele momento. A frase “sublinha essa parte” é repetida seguidamente, em alguns momentos duas, três vozes ao mesmo tempo ecoam.

Termino a leitura, silêncio. O texto tem outra densidade.

Ficamos ali, em silêncio, na sala até bater o sinal para o intervalo. As pessoas levantam devagar, caminham devagar, trocam alguns comentários murmurados, se despedem e saem da sala aos poucos. Como se numa suspensão do tempo, de repente tudo ficou lento. A história da Tati mudou o ritmo daquela manhã. Levantei e recolhi as folhas todas preenchidas: escritas, desenhos, textos, mapas mentais, afirmações, questionamentos, dúvidas, depoimentos, entre outros. Uma multiplicidade de criações que reverberam o atravessamento da história de Tati em cada pessoa. Em uma das folhas, no centro, está: #vocêjáfaloudetatihoje.

Terceira aula do mês de março. Entro na sala com um rolo de papel Kraft, uma pasta com o texto da história de Tati grifado durante a leitura da semana anterior e as folhas preenchidas pela turma. O convite para esse encontro é conversar sobre a leitura da semana anterior na área externa da escola. A turma aceita, descemos, escolhemos um espaço, abro o papel Kraft no chão, distribuo canetas hidrográficas pretas. as folhas da aula anterior e sentamos em círculo em volta do papel.

Pergunto se posso gravar o áudio da conversa. Proponho a criação de um mural coletivo a ser preenchido em fluxo de pensamento durante nossa conversa. Entre relatos de violências contra mulheres presenciadas ou conhecidas pelas alunas e os alunos, a turma conversa sobre os desdobramentos de violências verbais e físicas, e as ações que devem ou não serem realizadas ao presenciar atos de violência em ambiente domiciliar e público, relacionando com o fato de os vizinhos e familiares saberem que Tati estava sendo violentada frequentemente e não terem denunciado.

Leio os trechos que foram sublinhados pela turma na história de Tati. No final da leitura, Maria pede a palavra. **Maria:** *Profe, na última aula, tu disse que às vezes escolhemos uma profissão para contribuir para uma mudança, né? Ou algo assim que tu falou. A profissão que eu pretendo ter é para ajudar mulheres como essa da história, não só mulheres, mas pessoas que não sabem do seus direitos. Eu quero me formar em direito para ser delegada e de preferência de uma delegacia para mulheres porque hoje em dia tem esse tipo de delegacia.*

Mapeio as principais questões grifadas pela turma no texto, digo que não teremos tempo de aprofundar nossa reflexão em todas as questões e pergunto qual questão a turma gostaria de refletir naquele momento. Ingenuidade minha, a urgência de refletir sobre todos os assuntos torna impossível escolher apenas um. Falas simultâneas, uma fala gera outra, que gera outra, que gera outra. A turma conversa.

Uma conversa não é o mesmo que um experimento de diálogo, segundo o qual as partes se revezam, esperam, perguntam e respondem com uma alternância serena. Uma conversa é a unidade mínima de uma comunidade de amizades, cuja síntese é a afeição, o tumulto, a sobreposição, o transbordamento.⁸¹

O transbordamento. A conversa está para lá do planejado. E eu, depois de negociar, planejar, depois de tanto pensar sobre esse momento, depois de tanto fazer convites, no enlevo da conversa, sou convidada a conversar. E esse conversar é também um deslocar do previsto, do que se projetou para aquele momento, de uma metodologia. Estar na escola é deslocar-se de si mesma, o tempo todo.

Estar atento e presente expondo-se e arriscando-se, sem ausência, neutralidade ou indiferença... Quem sabe o acontecimento que se fizer presente possa nos inquietar, incomodar e interrogar nossas verdades mais queridas e acalentadas? Quem sabe conversar e viver

⁸¹ SKLIAR, Carlos, 2018, p. 11.

a pesquisa enquanto experiência aconteça? Viver experiências abre possibilidades para sermos de um modo outro, diferente do que temos sido; abre possibilidades de nos transformarmos...⁸²

Sinal para o intervalo, abraços, agradecimentos pela aula. Enquanto enrolo o mural, um aluno se aproxima. **Leo:** *Eu pensei uma coisa que não sei se tá certo, mas eu acho que a causa de tudo que aconteceu na vida da Tati é porque aqui no Rio Grande do Sul o machismo e também o racismo é estrutural então o Amilton também é de certa forma vítima. O que tu achas profe?*

O que eu acho? Acho, por meu estar na escola, que há uma espécie de processualidade errática, que se faz em um tecido de acidentes, imprevisível, incontrolável. Percebo que cada proposta, qualquer proposta, é mais um ponto de eletricidade no circuito com seu campo de atração, com suas conexões possíveis, com seu potencial de gerar clarões. E eu acho, respondendo agora o que não respondi naquele dia de março, que a fala de Leo é um clarão que evidencia a potência de falar de Tati nesse espaço como forma de problematizar e combater as violências contra as mulheres.

Última aula do mês de março, entro na sala procurando Leo, queria saber se ele continuava refletindo sobre o que me disse antes, mas ele não foi. Converso com a turma enquanto distribuo folhas coloridas e canetas que serão utilizadas ao longo da aula, o convite é: escrever uma carta, em primeira pessoa, de uma menina de 18 anos para alguém que ela não conhece bem (ou não conhece de maneira nenhuma). Portanto, essa personagem-autora deve se apresentar na carta, dando detalhes sobre seus gostos, seus sonhos, seu território, sua cultura e sua trajetória no mundo. Depois de escritas, as cartas foram trocadas e um novo convite foi feito: estender a história da personagem-autora até os 28 anos. As cartas finalizadas foram lidas anonimamente e, a cada leitura, a turma tentava descobrir as duas pessoas que escreveram a carta lida.

CURTO-CIRCUITO

Nas semanas seguintes, o tempo de aula do componente Projeto de Vida foi utilizado pela direção para questões organizacionais diversas e, com a proximidade

⁸² SAMPAIO, Carmen Sanches, *et al.*, 2018, p. 34.

da gincana da escola, para a preparação dos materiais da turma para o evento. Em um desses encontros, enquanto a turma conversava e pintava animadamente suas camisetas com a cor rosa neon ao som da música “Camisa 10” da banda Turma do Pagode, me dispus a conversar individualmente com estudantes que desejassem. As pessoas vinham, sentavam ao meu lado, contavam coisas esparsas sobre seu cotidiano e voltavam a pintar ou cantar ou conversar. Então, veio Maria. Ela chegou feliz, sorridente, elogiou meu perfume e desatou a falar muito rápido. Eu não falava, apenas ouvia. O pagode "Camisa 10", as conversas animadas sobre todo tipo de coisa e Maria ali na minha frente falando. Eu não tinha um gravador naquele dia, não esperava que aquela aula fosse tão desviante – mesmo se tivesse comigo um gravador, é improvável que tivesse gravado –, assim, tudo que escrevo é a partir da minha memória e de anotações que fiz logo depois da aula.

Maria: *Profe, eu estou sempre muito feliz, porque eu escolho ser feliz todos os dias. Eu sou muito nova, tenho só 16 anos, mas já passei muita coisa nessa vida, então eu sou muito madura, muito mais madura que a maioria das pessoas da minha idade, porque já passei por muita coisa, coisas que nunca contei pra ninguém. Eu já fiz terapia e hoje em dia eu tomo um remédio para ansiedade que é bem fraquinho e que me faz muito bem, porque antes eu tinha muitas crises de ansiedade e agora eu não tenho mais isso. Eu não gosto de sair, beber e nem gosto de ficar com ninguém, porque hoje em dia ninguém quer nada sério com ninguém. Eu gosto de ficar sozinha, me acostumei a ficar sozinha. Meus pais sempre trabalharam muito para poder nos manter, por isso acostumei a ficar sozinha desde pequena, eu e meu irmão. Então, se eu tiver que ficar horas, dias, semanas sozinha não tem problema, gosto da minha companhia, até porque já me decepcionei muito com muitas pessoas. Pessoas que eu achava que eram boas e que descobri que são capazes de me fazer muito mal. Sabe, profe, eu já fui abusada sexualmente quando era muito nova. Ficava em casa com meu irmão e meu primo e meus pais achavam que eu estava segura, porque estava em casa, mas meu primo abusava de mim. Eu tinha 7 anos, ele tinha 15 anos, e eu nunca contei para ninguém, porque não quero que a minha família se sinta culpada, porque não é culpa deles, era meu primo, e ele era praticamente uma criança. Meus pais não poderiam imaginar o que ele fazia comigo. E também ficaria uma situação muito difícil para a minha família, porque ainda convivemos com o meu primo. Eu acho até que ele nem lembra o que fazia comigo. E eu sou a única prima*

mulher, então sabe como é, né, profe, ser mulher é complicado, ainda mais eu que sou assim desse jeito, tô sempre brincando, sorrindo, sou amiga, os guris confundem as coisas. Na virada do ano, eu tava em Florianópolis, na casa de um outro primo. Ele tem 18 anos. A gente tava voltando para a casa, ele já tava meio bêbado e, quando a gente passou por uma rua meio escura, ele tentou me agarrar. Só que agora eu sou grande, né, profe, e consigo me defender. Enchi ele de soco e chute, e ele saiu correndo. Só que eu tive que ir correndo atrás dele, porque não sabia voltar pra casa. E foi como um filme de terror, porque fiquei com muito medo, e vinham carros, e comecei a chorar e ele corria muito rápido. Tive vários pesadelos com isso. Daí as crises de ansiedade voltaram, daí comecei a tomar remédio e tô melhor. Na verdade, eu só tenho essas crises porque meu avô morreu quando eu era pequena e eu não soube lidar com o luto direito, daí às vezes algumas coisas acontecem e isso volta.

Toca o sinal para o intervalo, ela finaliza rapidamente, levanta, eu levanto, abraço ela, agradeço a confiança e digo que podemos continuar conversando sobre isso quando ela quiser.

Na semana seguinte, Maria agradece novamente pela conversa, diz que se sente muito melhor. Pergunto se ela já conversou com outra pessoa a respeito, ela diz que não e que não pretende conversar para não prejudicar o primo dela por achar que ele não tinha consciência do que estava fazendo. Conto a ela sobre o episódio “Ela queria uma alternativa”, do podcast Crime e Castigo⁸³, que traz o relato de uma jovem vítima de abuso que queria que seu agressor fosse responsabilizado pelo que aconteceu e, principalmente, tivesse entendimento das consequências do seu ato, mas não acreditava que a melhor alternativa fosse a prisão. O episódio reflete sobre Justiça Restaurativa a partir da história relatada. Maria se interessa e diz que vai ouvir o podcast.

20h19min

Alerta

⁸³ Podcast Crime e Castigo, 2022.

GATO

Uma mensagem no Instagram:

Maria: *Oieeee! / Desculpa incomodar. / Acabei de contar para os meus pais. / Estão muito agradecidos por tu ter feito aquilo comigo / Ter me escutado / E me acolhido. Pergunto como ela está se sentido. **Maria:** Aliviada / Foi como se um peso tivesse saído / Meus pais ficaram surpresos, mas estão do meu lado / E pediram desculpas por eu ter passado por isso / Muito obrigada, tu fez parte disso / Me fez seguir em frente / Agradeço imensamente / Eu me senti tão segura em me abrir contigo, foi o maior passo! Muito obrigada, um dia ainda minha mãe quer conversar contigo / Ela está muito agradecida por tu ter me dado voz / Juntas somos mais fortes / Beijos, sora! Boa noite, hoje será um sono mais leve, com mais amor. Até mais!*

Uma semana depois, sou recebida por Maria na porta da sala de aula. Ela tem uma proposta. O convite é: contar para a turma o que aconteceu com ela, pois deseja que sua história seja um exemplo para que o mesmo não aconteça com outras meninas. Sem ter certeza de como agir, fico feliz que ela queira transformar aquela experiência em uma ação para contribuir para o combate às violências contra as mulheres e digo que isso pode ser importante para o seu processo de cura do que aconteceu. Pergunto se ela se importa que eu converse com a coordenação sobre sua ideia, ela consente. No intervalo, converso com a coordenação que demonstra muita preocupação com a proposta de Maria e a chama para conversar durante o recreio. No final da manhã, vou até a sala da coordenação para saber como foi a conversa. A coordenação conta que encaminhou o caso de Maria para o SOE.

Na semana seguinte, Maria, novamente me recebe na porta da sala, mas dessa vez pede para ir ao SOE. **Maria:** *Profe, é para conversar sobre aquele projeto.* Ela vai. Começo a aula com um jogo que desenvolvi inspirado em um exercício teatral. Todas as pessoas ficam em pé espalhadas pela sala, cada uma em um “território” e, de tempos em tempos, todas trocam de território entre si, correndo. Maria abre a porta sorrindo, vem até o meu território e me segue pela sala contando, a cada troca, uma parte do projeto que está construindo com o SOE.

Maria: *Eu vou escrever*

vou contar o que aconteceu

por carta

vai ser uma carta

uma carta anônima

assim as pessoas vão

refletir sobre isso

vão saber que isso pode

acontecer

vão pensar maneiras de evitar

vão proteger as crianças

Toca o sinal para o intervalo.

Fim da aula. Ela sorri.

OLHA PRA MIM

Um último suspiro antes do ponto final, ao menos aqui, no papel, ou, talvez, nesse retângulo branco desenhado em uma tela eletrônica, que pisca tão rápido que a gente nem percebe. Esse retângulo que finge ser uma folha de papel sulfite A4. Esse espaço bidimensional e de recursos limitados para transpor aquilo que está no território da experiência do fazer, do acontecimento, da ação. Tem algo acontecendo agora, mas o tempo já passou e isso aqui, essa escrita, fica por aqui, mas ela também continua, ela ainda acontece como reverberação e gostaria de terminar com essa breve faísca. Um último circuito em curso nesse momento. Dispositivo: O olhar.

Um processo que está em andamento, com centenas de estudantes, centenas de olhares. A leitura do conto “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo, a lembrança dos olhares que estão em nós, o estudo da anatomia do olho humano, o jogo de troca de olhares, os exercícios de visão periférica, a improvisação teatral com comunicação pelo olhar, as composições artísticas com técnicas híbridas – desenho, colagem e pintura – a partir da provocação: “Quais os olhares que me atravessam?”. O fechar os olhos e lembrar como são os olhares das pessoas que estão com a gente, o esculpir um olho com argila, o registro fotográfico de todos os olhares que me atravessam diariamente. E então, uma instalação, um espaço pouco frequentado na escola tomado pelas centenas de criações sobre o olhar, realizadas por estudantes de todas as turmas durante os encontros do componente curricular Artes.

Você entra. O espaço está coberto com panos brancos. Você sente um cheiro, tem incenso queimando, pessoas jovens recebem e guiam você pelo espaço. Elas contam sobre o processo criativo, sobre Conceição Evaristo, sobre o Projeto Olha Pra Mim, sobre como são múltiplos os olhares que nos atravessam. Luzes, música, incenso.

Você se vira e um paredão de olhos te encaram. Centenas de olhares, lado a lado, encaram você, olham para você.

Um coro ecoa: olha pra mim.



Figura 4: Registro fotográfico de parte do mural de olhares da Instalação “Olha pra mim”. (Fonte: Arquivo pessoal da autora).

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

AMBROSIO, Rubia Renata; TORTATO, Cíntia de Souza Batista. Há uma norma colonizadora, branca e masculina nas produções científicas: deslocamentos epistêmicos feministas e decoloniais. **Cadernos de gênero e tecnologia**, v. 14, n. 44, p. 303-303, 16 jul. 2021.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, jan. 2000.

ÁVILA, Ana. Como uma mulher que sofreu violência por toda a vida foi parar na prisão pela morte do filho. **Portal Sul21**, 2018. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2018/02/como-uma-mulher-que-sofreu-violencia-por-toda-vida-foi-parar-na-prisao-pela-morte-do-filho/>. Acesso em: 1º maio 2022.

ÁVILA, Ana. O caso de Tatiane: a mulher cujo marido matou seu filho e está presa por isso. **Portal Sul21**, 2017. Disponível em: <https://sul21.com.br/columasmarcelligipriani/2017/10/o-caso-de-tatiane-mulher-cujo-marido-matou-seu-filho-e-esta-presa-por-isso/>. Acesso em: 1º maio 2022.

BATTAGLIN, Ivana. A criminalização da pobreza numa perspectiva de gênero: o quanto o sistema judicial pode reproduzir os estereótipos do patriarcado para encarcerar as mulheres pobres. **Revista do Ministério Público do Rio Grande do Sul**, v.1, n. 80, p.17-40, 2016.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

BRASIL. **Lei nº 14.164, de 10 de Junho de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica [...]. Brasília. Presidência da República, 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14164.htm. Acesso em: 15 out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.836, de 9 de Janeiro de 2004**. Cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências. Brasília. Presidência da República, 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.836.htm. Acesso em: 12 jun. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...]. Brasília. Presidência da

República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 20 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília. Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 20 nov. 2021.

BUENO, Winnie. Você, que de alguma forma crê em direitos humanos, precisa conhecer Tatiane. **Justificando**, 2017. Disponível em: <http://www.justificando.com/2017/10/18/voce-que-de-alguma-forma-cre-em-direitos-humanos-precisa-conhecer-tatiane/>. Acesso em: 1º maio 2022.

CANOFRE, Fernanda. Como uma mulher que sofreu violência por toda a vida foi parar na prisão pela morte do filho. **Sul21**, 2018. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2018/02/como-uma-mulher-que-sofreu-violencia-por-toda-vida-foi-parar-na-prisao-pela-morte-do-filho/>. Acesso em: 1º maio 2022.

CATRACA LIVRE. ONG argentina denuncia caso de brasileira condenada à prisão, 2020. **Catraca Livre**, [S.l.], 2018. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/ong-argentina-denuncia-caso-de-brasileira-condenada-a-prisao/>. Acesso em: 1º maio 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *In*: VV.AA. Painel 1, Cruzamento: raça e gênero. 2004. **Anais [...]** Brasília: Unifem, 2004, p. 7-16.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.10, n.1, p.171-188, 2002.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. *In*: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, n.p.

Crime e Castigo #3. Ela queria uma alternativa. [Apresentação]: Branca Vianna, Flora Thomson-DeVeaux e Paula Scarpin. **Rádio Novelo**. [S. l.]: 02 abr. 2022. **Podcast**. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/crimeecastigo/ela-queria-uma-alternativa>. Acesso em: 22 set. 2022.

DA SILVA, Ana Paula Procópio; ALMEIDA, Magali da Silva; GONÇALVES, Renata. Ochy Curiel e o feminismo decolonial. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, [S. l.], v.18, n. 46, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/52020>. Acesso em: 5 fev. 2023.

DECLERCQ, Marie. Tatiane da Silva Santos, mais uma mulher negra comum. **Portal Vice**, 2017. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/7x4pnq/tatiane-da-silva-santos-mais-uma-mulher-negra->

comum?fbclid=IwAR09mZV1iwKunObTCqdsC6OIP5jSPpk_mIRpnvme7HFoggfHJynj a9ojMzl. Acesso em: 1º maio 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol 4. São Paulo: editora 34. 1997, p.101-102.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no brasil**. [S.I.] 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência contra mulheres em 2021**. [S.I.] 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira** [recurso eletrônico]. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GONÇALVES, Ednéia. Reaprendendo a esperar. *In*: HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021, p. 9-16.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. **As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, abr. 2016.

G1 RS. Homem é preso por suspeita de estupro contra seis crianças em Gramado; polícia diz que ele era investigado em outros dois casos. **G1**, [S.I.], 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/07/04/homem-e-preso-por-estupro-de-seis-criancas-em-gramado-policia-diz-que-ele-era-investigado-em-outros-dois-casos.ghtml>. Acesso em 06 fev. 2023.

G1 RS. Recurso de mulher condenada por omissão em caso da morte do filho é negado no TJRS, em Porto Alegre. **G1**, [S.I.], 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/recurso-de-mulher-condenada-por-omissao-em-caso-da-morte-do-filho-e-negado-no-tjrs-em-porto-alegre.ghtml>. Acesso em: 1º maio 2022.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** mulheres negras e feminismo. 9. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021a.

HOOKS, bell. **Ensinando Comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021b.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021c.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020a.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020b.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Sistema de Indicadores de Percepção Social**: Tolerância social à violência contra as mulheres. [S.I.] 2014. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf. Acesso em: 13 mai. 2022.

INSTITUTO MARIA DA PENHA (IMP). **Lei Maria da Penha na Íntegra e Comentada**. c2018. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/lei-maria-da-penha-na-integra-e-comentada.html#:~:text=11.340%2F2006,%2C%20sexual%2C%20patrimonial%20e%20moral>. Acesso em: 12 jan. 2022.

Quem é Marielle Franco? INSTITUTO MARIELLE FRANCO, 2023. Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle>. Acesso em: 16 abr. 2023.

ITAÚ CULTURAL. Ocupação Conceição Evaristo. São Paulo, c2016. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo>. Acesso em: 20 fev. 2023.

ITAÚ CULTURAL (org.). Ocupação Conceição Evaristo. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.

JORNAL NACIONAL. Rejeitos de fábricas de jeans deixam água do Rio Capibaribe vermelha. **G1**, [S.I.], 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/01/rejeitos-de-fabricas-de-jeans-deixam-agua-do-rio-capibaribe-vermelha.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LASEVITCH, Sabrina; BELINASSO, Camila; DALL'OLMO, Sophia. A barbárie veste toga: misoginia e racismo no Tribunal do Júri. **Portal Geledés**, [S.I.], 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/barbarie-veste-toga-misoginia-e-racismo-no-tribunal-do-juri/>. Acesso em: 1º maio 2022.

LIBERDADE PARA TATIANE. [S.I.], 2017. Facebook: @LiberdadeParaTatiane. Disponível em: <https://www.facebook.com/LiberdadeParaTatiane>. Acesso em: 1º maio 2022.

LISBOA, Silvia; GONZÁLEZ, Letícia. Justiça machista: brasileiras são condenadas pelo crime e pelo gênero. **Revista Galileu**, [S.I.], 2018a. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/03/justica-machista-brasileiras-sao-condenadas-pelo-crime-e-pelo-genero.html>. Acesso em: 1º maio 2022.

LISBOA, Silvia; GONZÁLEZ, Letícia. No Brasil, mulheres também são condenadas pelo gênero. **Portal Pragmatismo Político**, [S.I.], 2018b. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/03/brasil-mulheres-condenadas-pelo-genero.html>. Acesso em: 1º maio 2022.

LISBOA, Silvia. Caso de brasileira condenada a 24 anos de prisão é denunciado no exterior. **Revista Galileu**, [S.I.], 2018c. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/08/caso-de-brasileira-condenada-24-anos-de-prisao-e-denunciado-no-exterior.html>. Acesso em: 1º maio 2022.

LISBOA, Silvia. Caso de Tatiane da Silva Santos condenada a 24 anos de prisão é denunciado na Comissão Interamericana de Direitos Humanos. **Portal Geledés**, [S.I.], c2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/caso-de-tatiane-da-silva-santos-condenada-24-anos-de-prisao-e-denunciado-na-comissao-interamericana-de-direitos-humanos/>. Acesso em: 1º maio 2022.

LOPES, Janaína; FRAGA, Rafaella. Um ano e meio após sentença, homem tem julgamento anulado e mulher tenta reverter condenação por morte de filho do casal no RS. **G1**, [S.I.], 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/um-ano-e-meio-apos-sentenca-homem-tem-julgamento-anulado-e-mulher-tenta-reverter-condenacao-por-morte-de-filho-do-casal-no-rs.ghtml>. Acesso em: 1º maio 2022.

MALABOU, Catherine. **Ontology of the accident: an essay on destructive plasticity**. Cambridge: Polity Press, 2012.

MANO A MANO: Conceição Evaristo. [Entrevistada]: Conceição Evaristo. [Entrevistadores]: Mano Brown, Semayat Oliveira. MANO A MANO [S. I.]: Spotify, 15 jun. 2023. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4BnaMQUzUXvDo276bkHs3d>. Acesso em: 22 jun. 2023.

Maria Vai Com As Outras #5: Crime e castigo contra a mulher. [Apresentação]: Branca Vianna. **Rádio Novelo**. [S.I.], 14 out. 2019. **Podcast** Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/maria-vai-com-as-outras-5-crime-e-castigo-contra-mulher/>. Acesso em: 1º maio 2022.

MATSUKI, Edgard. Ferramenta do IBGE mostra quais são os nomes mais populares do Brasil. **EBC**, [S.I.], 2016. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/tecnologia/2016/04/ferramenta-do-ibge-mostra-quais-sao-os-nomes-mais-populares-do-brasil>. Acesso em: 16 abr. 2023.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p.15-22.

MORENO, Joyce. Mulheres do Brasil. *In*: BETHÂNIA, Maria. **Maria**. [S.l.]: RCA, 1988. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5HhOUmTU1gGV1M2iaHjBxh>. Acesso em: 03 mar. 2022.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p23-46.

PASSÔ, Grace. **Por Elise**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

RIBEIRO, Pedro Nogueira; PITASSE, Mariana. Ser escritora não rompe com o imaginário em relação às mulheres negras. **Brasil de Fato**, [S.l.], 2018. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2018/07/25/ser-escritora-nao-rompe-com-o-imaginario-em-relacao-as-mulheres-negras>. Acesso em: 18 fev. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Tribunal de Justiça. Processo número 001/2.13.0071039-8. Relator: juiz Felipe Keunecke de Oliveira. Porto Alegre, 20 jun. 2015. **TJRS**, Porto Alegre. Disponível em: https://www.tjrs.jus.br/novo/busca/?return=proc&client=wp_index. Acesso em: 05 mai. 2022.

ROCHA, Bruna Vidal da, RUDNICKI, Dani. (2018). O patriarcado contemporâneo no sistema punitivo: o caso Tatiane. *In*: XXVII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI Porto Alegre – RS – CRIMINOLOGIAS E POLÍTICA CRIMINAL I, 2018, Florianópolis. **Anais** [...] Florianópolis: CONPEDI, 2018, p. 248-267.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? *In*: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 21-40.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. Conceição Evaristo – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. **Itaú Social**, [S.l.], 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

SCANTAMBURLO, Natalia Pinheiro; OJEDA OCAMPO MORÉ, Carmen Leontina; CREPALDI, Maria Aparecida. O processo de transmissão intergeracional e a violência no casal. **Nova Perspectiva Sistêmica**, [S. l.], v. 21, n. 44, p. 35-48, 2013. Disponível em: <https://revistanps.com.br/nps/article/view/250>. Acesso em: 27 ago. 2022.

SERPA, Andréa. Conversas: possibilidades de pesquisa com o cotidiano. *In*: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 93-118.

SEVERO, Rita Cristine Basso Soares. **Enquanto a aula acontece**: práticas juvenis (des)ordenando espaços e tempos escolares contemporâneos. 2014. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SEVERO, Rita Cristine Basso Soares. **As gurias normais do Curso Normal do Instituto de Educação de Porto Alegre**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVA, Roseane Amorim. **Desigualdades e resistências dos/as jovens quilombolas e da periferia urbana de Garanhuns/PE**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SKLIAR, Carlos. Elogio à conversa. *In*: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 11-13.

SOARES, Elza. **Exu nas escolas**. Rio de Janeiro: DeckDisc, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NmDsmHtOgyw>. Acesso em: 22 maio 2022.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, [S.l.], v. 17, n. 39, p. 203-219, maio, 2017.

TEIXEIRA, Analba Brazão; DA SILVA, Ariana Mara; FIGUEIREDO, Ângela. Um diálogo decolonial na colonial cidade de Cachoeira/BA: entrevista com Ochy Curiel. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 3, n. 4, p.106-120, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/24674>. Acesso em: 5 fev. 2023.

XUMEK. Xumek presenta una petición ante la Comisión Interamericana De Derechos Humanos (CIDH) por violaciones de derechos humanos en Brasil: “el caso de Tatiane Da Silva Santos”. **Xumek**, [S.l.] 2018. Disponível em: <https://xumek.org.ar/xumek-presenta-una-peticion-ante-la-comision-interamericana-de-derechos-humanos-cidh-por-violaciones-de-derechos-humanos-en-brasil-el-caso-de-tatiane-da-silva-santos/>. Acesso em: 1º maio 2022.